



FCDEF FACULDADE DE CIÊNCIAS DO
DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

BRUNO JÓNI NEVES OLIVEIRA

RELATÓRIO FINAL ESTÁGIO PEDAGÓGICO

RELATÓRIO DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO DESENVOLVIDO NO AGRUPAMENTO ESCOLAS DE OLIVEIRINHA, NA E. B. 2/3 CASTRO MATOSO, JUNTO DA TURMA DA TURMA C DO 8º ANO, NO ANO LETIVO DE 2013/2014.

COIMBRA

2014



FCDEF FACULDADE DE CIÊNCIAS DO
DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

Bruno Jóni Neves Oliveira

2009124769

RELATÓRIO FINAL ESTÁGIO PEDAGÓGICO

RELATÓRIO DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO DESENVOLVIDO NO AGRUPAMENTO ESCOLAS DE OLIVEIRINHA, NA E. B. 2/3 CASTRO MATOSO, JUNTO DA TURMA DA TURMA C DO 8º ANO, NO ANO LETIVO DE 2013/2014.

Relatório de Estágio apresentado à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra com vista à obtenção do grau de mestre em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário.

Orientador: Professora Doutora Elsa Silva

Professor Cooperante: Professor Fernando Leite

COIMBRA

2014

Esta obra deve ser citada como:

Oliveira, B. (2014). *Relatório Final de Estágio Pedagógico*. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Agradecimentos

Para que fosse possível a conclusão deste ciclo não só de estudos, mas também de vida foram várias as pessoas que me auxiliaram nesta caminhada, nem sempre fácil, mas recheada de momentos inesquecíveis e sobretudo de aprendizagens e valores para toda a vida. Serve este ponto para reconhecer todo o louvor das pessoas que caminharam nesta etapa a meu lado e com quem partilho o sucesso que também a eles pertence.

Aos meus pais, pela oportunidade de me proporcionarem uma formação académica, na minha cidade de eleição, e por toda a força que me deram ao longo destes cinco anos de muitos sacrifícios para eles;

Aos meus avós, por terem tido um papel preponderante na minha educação e pelo apoio e carinho que sempre me deram;

À Bárbara pelo amparo em todos os momentos, pela força, pela confiança em mim depositada e pelo sentimento, que fez com que sempre acreditasse nas minhas capacidades;

A todo o pessoal docente e não docente da EB 2/3 Castro Matoso, pela forma como me recebeu neste ano de estágio, e pela disponibilidade para ajudar;

Aos Orientadores, a Professora Doutora Elsa Silva e o Professor Fernando Leite, pelos ensinamentos, conselhos e pelo facto de me acompanharem neste processo de formação sempre de forma próxima e com interesse;

A todos os Professores do Departamento Disciplinar de Educação Física que me acolheram e auxiliaram sempre que solicitado;

Aos meus colegas de curso, aqueles que viveram e conviveram comigo diariamente ao longo destes últimos anos, por todas as experiências que vivenciámos e que nunca iremos esquecer;

A todos os meus amigos e restante família que me apoiaram em todos os momentos e contribuíram para ser aquilo que sou hoje;

A todas as pessoas que me marcaram nestes 5 anos, e que, felizmente, seria impossível enumerar;

A todos vocês...o meu muito obrigado!

“Talvez não tenha conseguido fazer o melhor, mas lutei para que o melhor fosse feito. Não sou o que deveria ser, mas Graças a Deus, não sou o que era antes”. (Marthin Luther King)

RESUMO

O Estágio Pedagógico promove a aquisição de um conjunto de saberes profissionais e pessoais que servirão como base de sustentação para uma possível integração na carreira docente, na área curricular de Educação Física. Resultou na aplicação, em contexto real, de todas as práticas pedagógicas (anteriormente experienciadas) e dos conhecimentos teóricos adquiridos ao longo da formação inicial, através de uma prática docente supervisionada e orientada.

Este documento é intrínseco às unidades curriculares de Estágio Pedagógico e de Relatório de Estágio, constantes do Plano Curricular do Mestrado em Ensino da Educação Física, nos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, da Universidade de Coimbra. Esta prática foi desenvolvida no Agrupamento de Escolas de Oliveirinha, Escola Básica de 2º e 3º Ciclos Castro Matoso, na turma C, do 8º ano, no ano letivo de 2013/2014.

Este documento tem como finalidade refletir acerca das atividades desenvolvidas no âmbito da nossa intervenção pedagógica. Nesta reflexão mobilizaremos não só os conhecimentos adquiridos ao longo das atividades letivas e não letivas, mas também a partilha de ideias e experiências, dentro do núcleo de estágio, e os conhecimentos transmitidos pelos professores orientadores. Referiremos o que ocorreu em cada tarefa cumprida, no que concerne o grupo turma e no que se refere à execução das tarefas e implementação de estratégias. Importa referirmos que toda a nossa experiência, ao longo do período de Estágio Pedagógico, assenta nos princípios da “diferenciação”, “adequação” e “flexibilidade”, em função da especificidade de cada aluno e da promoção das suas aprendizagens.

Este documento reflete momentos diversos, a saber: contextualização da prática de estágio, expectativas pessoais e objetivos definidos inicialmente, reflexões relativas às decisões tomadas, o planeamento, a realização e a avaliação, tendo em conta as dificuldades sentidas e a evolução, tanto pessoal como da turma, e ainda pelo aprofundamento do tema “Estratégias para o controlo do clima de aula”, que nos acompanhou ao longo de todo este percurso.

Palavras-chave: Estágio Pedagógico. Educação Física. Planeamento. Realização. Avaliação.

ABSTRACT

The Practicum promotes the acquisition of professional and personal knowledge which will be the basis to the integration in the teaching career within the area of Physical Education. The practice resulted in the application, in a real context, of all pedagogic practices and theoretic acquaintances, acquired along the initial formation, through a supervised and guided teaching practice.

This document respects the Teaching Practice and the Practice Report within the syllabus of the Master's Degree in Physical Education Teaching (Elementary and Secondary School) of the College of Sciences of Sport and Physical Education from the University of Coimbra. The practice occurred at the Castro Matoso Elementary School, 8th Form, Class C, in the school year of 2013/2014.

The aim of this document is to reflect about the implemented activities within the teaching practice. Therefore we will not only mobilize the acquired knowledge during our work at school but also share the ideas, the experiences, among the elements of the group as well as the guidance of the senior teachers (supervisors). In fact they were a very important link in this chain as they corrected us, when we were not so perfect technically or in our relation with the students we were dealing with. Our whole experience and practice was based on the principles of "differentiation", "adequacy" and "flexibility" as far as the students and their learning process was concerned.

This document conveys the context of the teaching practice, our expectations concerning the process, the initially established objectives, the reflections about the decisions we made, the planning, the evaluation, considering the main difficulties we felt, and the evolution we suffered (students and teacher). It also conveys the development of the topic "Strategies to control the setting in the classroom" which has followed us all through the process.

Key words: Practicum. Physical Education. Planning. Accomplishment. Evaluation.

COMPROMISSO DE ORIGINALIDADE DO DOCUMENTO

Eu, Bruno Jóni Neves Oliveira, aluno nº 2009124769 do MEEFEBS da FCDEF-UC, venho declarar por minha honra que este Relatório Final de Estágio constitui um documento original da minha autoria, não se inscrevendo, por isso, no disposto do artigo 30º do Regulamento Pedagógico da FCDEF.

11, de junho, de 2014.

Bruno Jóni Neves Oliveira

SUMÁRIO

	Página
1.INTRODUÇÃO	1
2.CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA DESENVOLVIDA	3
2.1.Espectativas iniciais	3
2.2.Plano de Formação individual	4
2.3.Caraterização das condições de realização	8
2.3.1.Caraterização do Meio	8
2.3.2.Caraterização da Escola	9
2.3.3.Caraterização do Grupo de Educação Física	9
2.3.4.Condições Físicas	10
2.3.5.Núcleo de Estágio	11
2.3.6.Professores orientadores	12
2.3.7.Caraterização da Turma	12
3.ATIVIDADES ENSINO-APRENDIZAGEM	14
3.1.Planeamento	14
3.1.1.Plano Anual	15
3.1.2.Unidades Didáticas	16
3.1.3.Plano de aula	18
3.2.Realização	20
3.2.1.Instrução	20
3.2.2.Gestão	21
3.2.3.Clima e Disciplina	23
3.2.4.Decisões de Ajustamento	24
3.3.Avaliação	25
3.3.1.Avaliação Diagnóstica	26
3.3.2.Avaliação Formativa	28
3.3.3Avaliação Sumativa	29
3.4.Componente Ético-Profissional	30
3.5.Justificação das opções tomadas	32
3.5.1.Organização do ano letivo	32
3.5.2.Estrutura das aulas	33
3.5.3.Processo ensino-aprendizagem	33
4.ANÁLISE REFLEXIVA	35
4.1.Aprendizagens efetuadas enquanto professor estagiário	35
4.1.1. Compromisso com as aprendizagens dos alunos	37
4.1.2.Inovação das práticas pedagógicas	38
4.2.Dificuldades sentidas e formas de resolução	39
4.2.1.A importância da formação contínua	40
4.3.Importância do trabalho individual e de grupo	41
5. APROFUNDAMENTO DO TEMA	42
5.1.Introdução	42

5.2. Escolha do tema e a sua relevância	42
5.3. Enquadramento teórico	43
5.4. Problema	44
5.5. Objetivos	45
5.6. Metodologia	45
5.7. Cronograma das atividades	48
5.8. Análise e discussão dos resultados	48
5.9. Conclusão do aprofundamento do tema/problema	51
6. CONCLUSÃO	54
7. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	56
8. ANEXOS	59

1.INTRODUÇÃO

O Relatório Final de Estágio Pedagógico surge no âmbito do Estágio Pedagógico em Educação Física realizado na Escola Básica de 2º e 3º Ciclos Castro Matoso, no ano letivo 2013/2014, inserido no plano de estudos do 2º ano do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário e constitui uma reflexão do ano letivo de estágio.

O Estágio Pedagógico tem como principal objetivo promover a integração do professor estagiário e a consolidação dos conhecimentos teóricos, adquiridos ao longo da formação, através de uma prática docente supervisionada e orientada, de uma forma progressiva numa situação real, com vista à profissionalização de Professores de Educação Física. Reflete um longo percurso na aprendizagem e a interligação dos vários “saberes” (saber-saber, saber-fazer, saber-ser e saber-estar).

“Estágio de Ensino no meio escolar é o verdadeiro momento de convergência, por vezes de confrontação, entre a formação teórica e o mundo real do ensino.” (Pierón, 1996)

Siedentop (1998) define pedagogia como “a organização ajustada de um contexto para permitir aos seus participantes realizar as aprendizagens desejadas”. É este o propósito que o professor estagiário deve seguir durante a sua intervenção pedagógica: ajustar o seu conhecimento e a sua intervenção à peculiaridade e ao contexto da sua turma, para que deste modo o processo de ensino-aprendizagem seja eficaz e bem-sucedido.

Este documento assume-se então como o resultado de toda a reflexão, realizada no âmbito do Estágio Pedagógico, como o culminar de um percurso de formação, onde estão presentes os aspetos evolutivos ocorridos aquando da lecionação da turma C, do 8º ano, da escola e ano letivo supra citado.

Assim, importa referir que este documento é composto por 3 fases. Numa primeira fase pretendemos apresentar as expectativas e as opções iniciais em relação ao estágio bem como a sua contextualização. A segunda fase tem como propósito apresentar e integrar uma perspetiva de ação reflexiva, persistente e cuidada, assumindo-se como uma atitude crítica e construtiva, promotora da aprendizagem contínua. Nesta fase faremos constar uma reflexão acerca das

atividades desenvolvidas (planeamento, realização, avaliação e componente ético-profissional), a justificação das opções tomadas, as dificuldades sentidas e as necessidades de formação, assim como a importância do trabalho individual e de grupo e as conclusões referentes à formação inicial. Por último e numa terceira fase será aprofundado um tema que irá retratar as “Estratégias para o controlo do clima de aula”.

Percebemos que a organização deste documento tem como principal objetivo relacionar elementos descritivos e reflexivos dos processos inerentes à realização do Estágio Pedagógico. Podemos então encarar este documento como a complementação final do Estágio Pedagógico, onde é feita uma análise de todos os parâmetros da aprendizagem do próprio professor estagiário, ao longo de todo o processo.

2.CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA DESENVOLVIDA

2.1.Expectativas Iniciais

O Estágio é um processo bastante importante na formação do futuro professor, e permite ao estagiário entrar em contacto com a realidade de uma turma resultante de um determinado contexto social e local, onde existem problemas diversos, que devem ser ultrapassados por si e pela sua intervenção. Este contacto promove ainda a oportunidade de realizar um dos nossos grandes objetivos vida: ser professor de Educação Física. Este foi o principal motivo que conduziu à nossa inscrição no Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário e, através deste Estágio, foi possível “abraçar” este desafio deveras estimulante, que me proporcionou uma experiência gratificante e enriquecedora.

Assim, ao iniciar o Estágio Pedagógico uma das nossas maiores expectativas relacionava-se com o domínio do saber, próprio da profissão, ou seja, a capacidade de transmitir os conteúdos, com rigor pedagógico e científico, e a capacidade de promover aprendizagens significativas, marcando a diferença, pela positiva, nas aprendizagens e na vida dos alunos. A transmissão de valores, a inclusão, o combate à discriminação, a luta contra o absentismo e o abandono escolar, a garantia do bem-estar dos alunos e o seu desenvolvimento pessoal e cultural e social, foram outros aspetos que procurámos alcançar, desenvolvendo estratégias pedagógicas diferenciadas, adaptadas à individualidade de cada aluno.

Foi com entusiasmo que iniciámos o trabalho em grupo com os colegas estagiários. Esperava que a troca de ideias e o trabalho em conjunto desenvolvesse os nossos conhecimentos e nos ajudassem a evoluir de forma integrada. Para além do grupo de professores de Educação Física e do núcleo de estágio, e como indivíduos comunicativos e participativos, ambicionávamos ter a capacidade de comunicação e relacionamento com toda a comunidade escolar.

Pretendemos adquirir diversos conhecimentos e capacidades que se provem profícuos para o futuro, tais como: organizar e promover situações de

aprendizagem, elaborar planos de aula; fomentar um ensino diferenciado, tendo em conta as capacidades e o ritmo de trabalho de cada aluno; envolver todos os alunos na participação da aula; criar um bom clima que proporcione situações de aprendizagem motivadoras e divertidas; promover o desenvolvimento dos alunos como cidadãos autónomos, responsáveis e ativos, promovendo o trabalho de equipa, transmitindo valores considerados essenciais e fazendo cumprir as regras de convivência em sala de aula.

Procurámos que o nosso discurso resultasse numa boa comunicação e a transmissão de conteúdos se processasse de uma forma clara e audível, através de linguagens diversificadas e suportes didáticos variados, nomeadamente as tecnologias de informação e comunicação.

Nesta lógica, as nossas expectativas iniciais em relação ao Estágio Pedagógico eram as melhores: encarámos o processo numa perspetiva desafiante, motivadora e principalmente como uma excelente oportunidade para adquirir conhecimentos, competências e capacidades, mas também como uma oportunidade para demonstrar as nossas capacidades, durante as aulas lecionadas e as atividades desenvolvidas.

2.2.Plano Formação Individual (PFI)

Ao construir o nosso Plano de Formação Individual identificámos as nossas fragilidades de desempenho, os objetivos de melhoramento e as estratégias de supervisão/formação previstas relativamente a cada área do estágio (planeamento, realização e avaliação).

Este documento, que foi desenvolvido no início do ano letivo, servirá agora como instrumento de autoanálise, onde verificaremos quais os aspetos referidos como dificuldades e nos quais fomos progredindo ao longo do ano, e aqueles em que essa progressão não se verificou.

Planeamento

Identificação de Fragilidades de Desempenho

- Planeamento anual
 - Analisar o Programa Nacional de Educação Física;
 - Adaptar o Programa Nacional de Educação Física às características dos alunos;

- Unidades Didáticas
 - Selecionar os objetivos em articulação com o programa;
 - Realizar a sequência e extensão de conteúdos de uma forma coerente e lógica;
 - Elaborar o relatório da avaliação diagnóstica;
 - Diferenciar estratégias para alunos de níveis de competências diferentes;
- Planos de aula
 - Selecionar exercícios que estabeleçam a ligação com os objetivos da aula;
 - Aperfeiçoar o tempo de planeamento;
 - Delimitar melhor o tempo para cada exercício;
 - Adequar a quantidade de exercícios ao tempo previsto de aula;
 - Definir estratégias de ensino diversificadas;
 - Implementar exercícios que promovam diferentes metodologias de ensino;

Objetivos de aperfeiçoamento:

- Planeamento anual
 - Analisar o Programa Nacional de Educação Física;
 - Procurar exemplos práticos para uma aplicação com sucesso;
- Unidades Didáticas
 - Articular os objetivos das unidades com o programa;
 - Realizar uma sequência e extensão dos conteúdos que permita avançar do mais significativo e simples para o mais complexo;
 - Diferenciar estratégias, após a avaliação inicial, para os alunos em diferentes níveis de competências / aprendizagens;
 - Promover a inclusão e a motivação de todos os alunos para a concretização das atividades propostas;
- Planos de aula
 - Delimitar de forma mais correta o tempo de cada exercício / atividade;
 - Aprofundar o conhecimento acerca das estratégias de ensino;
 - Aprofundar o conhecimento acerca das metodologias de ensino;

Estratégias de supervisão/formação previstas:

- Planeamento anual

- Discussão/reflexão com os elementos do núcleo de estágio;
- Pesquisa Bibliográfica.
- Unidades Didáticas
 - Discussão/reflexão com os elementos do núcleo de estágio;
 - Pesquisa Bibliográfica;
- Planos de aula
 - Observação e análise das aulas;
 - Utilização da ficha de observação de aulas;
 - Reflexão relativamente aos procedimentos;
 - Pesquisa Bibliográfica.

Realização

Identificação de Fragilidades de Desempenho

- Instrução
 - Hesitação na explanação dos conteúdos;
 - Dificuldades em fornecer feedbacks nalgumas situações (durante o jogo nos JDC);
 - Completar ciclos de feedback;
 - Conclusão da aula: balanço da aula e avaliação da aquisição de conteúdos.
 - Projeção de voz;
- Gestão
 - Gestão do tempo de aula, (aulas de 45 minutos muito pequenas, aulas de 90 minutos demasiado longas);
 - Tempo de transição entre os exercícios e organização dos exercícios;
 - Doseamento das diferentes tarefas;
- Clima/Disciplina
 - Algumas dificuldades em controlar o comportamento de alguns alunos;
 - Alguma dificuldade em estar atento a toda a turma (principalmente no ginásio devido ao difícil posicionamento);
 - Algumas dificuldades em intervir durante a realização dos jogos;
 - Dificuldade em projetar a voz;

Objetivos de aperfeiçoamento:

- Instrução
 - Pensar claramente nas explicações / esclarecimentos necessárias;
 - Transmissão das instruções de forma mais calma;
 - Planear feedbacks;
 - Capacidade de identificar, durante o jogo, as situações onde é necessário intervir e fornecer feedbacks;
 - Fechar o ciclo de feedback;
 - Cumprir o tempo previsto para a conclusão da aula;
 - Concluir a aula com mais tranquilidade;
- Gestão
 - Prever transições mais fáceis e com ligação entre exercícios;
 - Preparar aulas de 45 minutos com menos exercícios e com mais dinâmica;
 - Utilizar as aulas de 90 minutos para introduzir conteúdos;
- Clima/Disciplina
 - Selecionar estratégias diferentes para controlo do comportamento de alguns alunos de forma mais eficaz;
 - Capacidade de estar atento a toda a turma e ao mesmo tempo intervir individualmente ou num grupo;
 - Prever estratégias específicas para motivar certos alunos;
 - Aprender a colocar e a projetar a voz de acordo com as diferentes situações.

Estratégias de supervisão/formação previstas:

- Instrução – Gestão - Clima/Disciplina
 - Observação e análise das aulas;
 - Utilização da ficha de observação de aulas;
 - Reflexão;

Avaliação

Identificação de fragilidades de desempenho:

- Escolher o método de preenchimento;
- Aplicar a grelha de avaliação durante a aula;
- Seleção dos exercícios para a avaliação;

- Controlar o desenvolvimento das atividades e realizar a avaliação em simultâneo.

Objetivos de aperfeiçoamento:

- Aperfeiçoar as estratégias de observação;
- Simplificar a grelha de observação;
- Melhorar a capacidade realizar a avaliação e lecionar uma aula, como se tratasse de uma aula normal.

Estratégias de supervisão/formação previstas:

- Discussão/reflexão com os elementos do núcleo de estágio;
- Pesquisa;
- Mudar as estratégias que não foram tão profícuas e manter a promotoras de sucesso, com base na reflexão e do relatório da avaliação diagnóstica do 1º período.

2.3.Caraterização das condições de realização

“O psicoeducador tem por objetivo favorecer o desenvolvimento da autonomia das pessoas e a resolução de conflitos que vivem nas interações com o seu meio envolvente. A conceção da sua intervenção define-se habitualmente a partir de três polos: as pessoas – objeto da intervenção, o próprio interveniente e as condições da envolvente nas quais se desenvolve esta intervenção” Capul & Lemay (2003), citando Renou.

2.3.1.Caraterização do Meio

A escola onde realizamos o Estágio Pedagógico foi a Escola Básica de 2º e 3º Ciclos Castro Matoso, pertencente ao Agrupamento de Escolas de Oliveirinha.

De acordo com o Projeto Educativo 2009/2013 do agrupamento a área de influência abrange as freguesias de Oliveirinha, com 4817 habitantes, a freguesia de Nariz, com 1418 habitantes e a freguesia de Nossa Senhora de Fátima, com 1924 habitantes.

Ainda segundo o mesmo documento, os estabelecimentos de ensino integram-se numa zona essencialmente agrícola, sendo de referir, no entanto, a existência de algumas indústrias de metalomecânica, de transformação de madeiras, cerâmica e construção civil.

Dentro do meio populacional englobante do Agrupamento de Escolas de Oliveirinha, a sua principal ocupação encontra-se nos sector secundário e

terciário, apresentando-se a agricultura como forma suplementar de equilibrar o orçamento familiar.

O Projeto Educativo 2009/2013 também refere que as crianças e jovens que frequentam o Agrupamento são oriundos de diversos estratos sociais, sendo que alguns apresentam carências a vários níveis, desde o nível alimentar, passando pelo afetivo, até ao nível sociocultural. As características socioculturais de muitos pais levam a um não reconhecimento ou valorização da escola, da formação académica, da aquisição de competências e de valores, na vida dos seus educandos, o que causa um desinteresse total pela vida escolar e conduz á falta de acompanhamento do processo escolar dos filhos.

2.3.2.Caraterização da Escola

A Escola Básica Castro Matoso funciona permanentemente no período das 8h30m às 18h00m sendo que, durante esse espaço temporal, os serviços da escola funcionam com horários próprios. O período de aulas decorre desde as 9h00m às 17h35m.

No período noturno a Escola possibilita ainda o aluguer do seu pavilhão gimnodesportivo entre as 18h00m e as 01h00m. Neste período apenas funciona o pavilhão estando o edifício escolar encerrado.

Além da Escola Básica Castro Matoso, Escola Sede de Agrupamento, ainda fazem parte as escolas do 1º Ciclo Quintãs, Costa do Valado, Póvoa do Valado, Mamodeiro, Nariz e os estabelecimentos do Pré-escolar de Oliveirinha, Quintãs, Costa do Valado, Póvoa do Valado e Nariz.

Na Escola Básica Castro Matoso, como órgãos de administração e gestão existem o Conselho Geral, Direção, Conselho Pedagógico, Conselho Administrativo e Estruturas de Orientação Educativa.

2.3.3.Caraterização do Grupo de Educação Física

Como podemos verificar pela caraterização da escola e do seu meio envolvente, este é relativamente pequeno, assim sendo o corpo docente é também de pequena dimensão e isso reflete-se no Departamento de Educação Física. No ano letivo de 2013/2014 a Escola Básica Castro Matoso, relativamente à disciplina de Educação Física, é composta apenas pelos seguintes professores:

- José Marques – 1º e 2º Ciclo;
- Lúcia Rocha – 1º e 2º Ciclo;
- Fernando Leite – 3º Ciclo;
- José Teixeira – 3º Ciclo.

Todos os professores manifestam um espírito de entreajuda e abertura na transmissão e partilha de saberes. É um departamento disciplinar pequeno e bastante unido, que consegue manter uma relação próxima e um clima de trabalho divertido e saudável. Relativamente aos professores estagiários mostraram-se sempre disponíveis para ajudar e transmitir os seus experientes conhecimentos.

O departamento de Educação Física trabalha em regime de rotação de espaços. A rotação é feita por semanas, com uma periodicidade, de três semanas mantendo-se durante todo o ano letivo. A rotação ocorre por ordem dos espaços. A rotação dos espaços permite que cada turma esteja pelo menos uma vez em cada espaço da escola.

2.3.4. Condições Físicas

A escola encontra-se em estado de conservação razoável ao nível das instalações e no que diz respeito a fins curriculares. Existem 24 espaços, que se distribuem por Salas de Aula, Oficinas e Laboratórios, uma Biblioteca Escolar e uma Sala de Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). A escola abarca ainda áreas descobertas de recreio e uma área desportiva com Pavilhão Gimnodesportivo.

No que se refere a instalações específicas, existem espaços destinados aos serviços de gestão e administrativas, nomeadamente, Gabinete da Direção Executiva, Secretaria, SASE, PBX, Refeitório, Bar, Reprografia e Papelaria. Existem ainda instalações gerais para o convívio de alunos, pessoal docente e não docente, Gabinete Médico, um gabinete para os Diretores de Turma e, ainda, um gabinete para os Serviços de Psicologia e Orientação.

No que concerne a disciplina de Educação Física, dispõe de uma grande variedade de materiais para as diferentes modalidades, bem como de material de apoio à prática, em quantidade suficiente e em bom estado de utilização. No que diz respeito aos espaços, o Agrupamento de Escolas de Oliveirinha é

constituído por um conjunto de espaços (exteriores e interiores), que possibilitam a lecionação de um elevado leque de Unidades Didáticas.

No que se refere ao espaço exterior (espaço 3), a escola dispõe de vários espaços, nos quais se puderam desenvolver inúmeros conteúdos.

Espaço Polidesportivo:

- 3 Campos de basquetebol
- 3 Campos de andebol
- 1 Campo de futsal

No seu espaço envolvente, ainda podemos observar, a pista de atletismo (estafetas e corrida de velocidade) e ainda uma caixa de areia, para a realização do salto em comprimento. É possível também utilizar todo o espaço exterior que rodeia os blocos de aulas para corrida de resistência e um terreno relvado para lançamento do peso.

Já em relação aos espaços interiores existentes, para a prática de atividade física, destacamos o pavilhão gimnodesportivo (espaço 1), que foi inaugurado em 2000, e é constituído no seu interior pela sala dos professores, sala de aulas teóricas, balneários, arrecadação de material e espaço desportivo, onde se encontram delimitados campos de basquetebol, andebol, futsal, voleibol. Perpendiculares a estes podemos observar 2 campos reduzidos de basquetebol e 4 campos de badminton.

Para além destas modalidades, no espaço desportivo, podemos ainda praticar patinagem e ténis de mesa.

O pavilhão, para além do anteriormente mencionado, inclui também outro espaço, que é o ginásio (espaço 2) o qual se destina à realização das aulas de dança e atividades gímnicas, nomeadamente a ginástica de solo e aparelhos.

2.3.5. Núcleo de Estágio

O grupo de estágio foi formado na primeira reunião do ano letivo na Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física. O Núcleo de Estágio foi constituído pelos seguintes elementos:

- Ana Catarina Gomes
- André Pires
- Bruno Oliveira

- Guilherme Ferreira

Funcionámos como grupo no planeamento, elaborando os diversos documentos em conjunto, apoiando-nos uns aos outros nas dificuldades e questões dilemáticas. As reuniões de núcleo aconteceram às quintas-feiras entre as 09h30 e as 10h30m. Sob a supervisão do orientador, professor Fernando Leite, discutíamos as diferentes fases do processo, planeamento, realização e avaliação, atividades desenvolvidas ao longo do ano, e esclarecíamos todas as nossas dúvidas. De todas as reuniões se redigida a respetiva ata da reunião que era lida e assinada por todos os intervenientes.

2.3.6. Professores orientadores

Os orientadores de estágio, da escola e da faculdade, foram um pilar muito importante no decorrer do estágio pedagógico. Os seus comentários e as suas críticas construtivas foram uma mais-valia na construção de todo um processo de formação, num período em que podemos crescer como profissionais rigorosos, exigentes e competentes.

Os seus comentários relativos à planificação, realização e avaliação permitiu-nos adequar o processo e melhorar a qualidade do processo ensino-aprendizagem, no superior interesse dos nossos alunos.

A Professora Doutora Elsa Silva, orientadora da faculdade, supervisionou todo o nosso trabalho ao longo da prática pedagógica, assistiu a algumas das nossas aulas, monitorizando todo o nosso plano de aprendizagem.

O Professor Fernando Leite, orientador da escola, esteve presente em todas as aulas, e sempre de forma crítica, mas com uma subtileza admirável, analisou e refletiu sobre os aspetos relevantes da nossa intervenção pedagógica. Demonstrou ao longo de todo o processo uma grande disponibilidade e abertura, transmitindo sempre o máximo de conhecimento.

2.3.7. Caracterização da Turma

A turma C do 8º ano, da Escola E. B. 2/3 Castro Matoso de Oliveirinha, na qual desenvolvemos o nosso trabalho enquanto professores estagiários, é constituída na sua maioria por elementos do sexo feminino (17 alunas), sendo que apenas 8 elementos são do género masculino. As idades oscilam entre os 12 e os 16 anos de idade, sendo a média de 13 anos de idade.

As mães assumem na sua maioria o papel de Encarregado de Educação dos alunos. Em relação à situação profissional dos Encarregados de Educação a maioria desenvolve a atividade de empregado fabril.

No que respeita à residência, é possível perceber que o tipo de residência de todos os alunos é a vivenda, sendo que a maioria afirma ter um quarto individual. O meio de deslocação mais frequente é o autocarro ou o carro, e os alunos em média demoram entre 11-20 minutos na deslocação de casa até à escola.

A grande maioria dos alunos afirma que gosta da sua escola.

Os alunos ocupam os seus tempos livres navegando na internet ou vendo televisão. A atividade desportiva também é outra forma de ocupar o tempo livre. Em relação à prática de atividade física a grande maioria dos alunos afirma que gosta de praticar desporto. A modalidade favorita dos alunos é o Andebol e a que menos gostam é o Basquetebol. É um facto muito positivo o facto de 17 alunos praticarem modalidades desportivas, demonstrando que a turma consegue atingir um nível bastante bom na performance da maioria das modalidades.

Em termos de hábitos alimentar, a maioria dos alunos realiza as principais refeições (pequeno-almoço, lanche da manhã, almoço, lanche da tarde e jantar). A alimentação é variada, sendo constituída habitualmente por peixe, carne, legumes, saladas e sopa, na sua maioria.

Existe 1 aluno com problemas de saúde (artrite) e dois com distúrbios do foro psicológico (PHDA, vulgo hiperatividade, e Crises de Pânico). Os restantes alunos afirmam não ter qualquer tipo de problema de saúde.

3.ATIVIDADES ENSINO-APRENDIZAGEM

3.1.Planeamento

Segundo Bento (2003), “A planificação é o elo de ligação entre as pretensões, iminentes ao sistema de ensino e aos programas das respetivas disciplinas, e a sua realização prática.” Esta fase do planeamento vai-se refletir em todas as aprendizagens que os alunos vão desenvolver ao longo do ano, existindo uma ligação entre vários fatores dos quais se destacam, o contexto em que é praticada, o programa de ensino e as capacidades inerentes ao currículo do professor.

O planeamento é uma ferramenta fundamental na organização das atividades letivas de qualquer professor. Com o planeamento de toda a ação educativa, pode-se afirmar que o processo educativo tem mais qualidade e existe maior probabilidade de existir uma aprendizagem com o sucesso desejado.

Assim sendo, desde o primeiro momento do Estágio Pedagógico que investimos fortemente em todo o processo de planeamento da atividade, pois só assim poderíamos garantir um ensino de qualidade e devidamente estruturado e fundamentado. A planificação do nosso processo de ensino teve como base os diferentes documentos normativos da disciplina, Programa Nacional de Educação Física e também bibliografia existente.

Os Programas Nacionais são um guia importante para a planificação, mas não poderá ser o único componente a consultar, atendendo às adaptações que são necessárias, quando consideramos as limitações do meio social e escolar. Pretende-se que o professor estagiário consiga um planeamento do ensino, fundamentado nos conhecimentos científicos, através de uma seleção de objetivos, conteúdos, metodologias de ensino, estratégias adaptadas à realidade do contexto e que seja capaz de propiciar um ensino diferenciada, de forma a ir ao encontro das necessidades de cada aluno. Para que tal aconteça é também necessário relacionar entre si os dados recolhidos em vários momentos como sejam: caracterização da Escola, da Turma e Avaliação Diagnóstica.

Todo este processo conglobera a realização de vários documentos que servem de suporte à atividade letiva, assistindo a prática pedagógica. Desses

destacamos o Plano Anual, Unidades Didáticas e Planos de Aula. Seguidamente abordaremos cada um em particular.

O professor não se deve deixar escravizar pelo planeamento, este deve ser capaz de corrigir os erros observados e fazer os ajustes necessários para que o processo ensino-aprendizagem seja profícuo, motivador e garanta aos alunos uma aprendizagem de qualidade. Só assim se possibilitará a evolução dos alunos de forma sistemática.

3.1.1.Plano Anual

Para Bento (1998), o Plano Anual é “um plano de perspetiva global que procura situar e concretizar o programa de ensino local e nas pessoas envolvidas.”

O Plano Anual de Turma foi um dos primeiros documentos a ser elaborado ao iniciar o Estágio Pedagógico. O seu principal objetivo é organizar o desenvolvimento curricular, selecionando e organizando os conteúdos, tendo em vista a melhor aprendizagem para cada aluno, baseando-se nas orientações do plano curricular de escola. Este documento é referido como elemento principal e fundamental de todo o planeamento da disciplina de Educação Física.

As opções que se fazem a este nível podem e devem sofrer ajustamentos ao longo do ano, com base no conhecimento da turma e dos alunos, pois é a partir da avaliação que o professor realiza as adequações consoante as necessidades de cada turma.

Inicialmente o núcleo de estágio reuniu com o objetivo de realizar todas as partes que seriam comuns a todos os planos anuais e a todas as turmas, que foram: Caraterização do Meio, que contou com um enquadramento geográfico no qual se insere a escola onde foi desenvolvido o estágio, assim como uma análise sobre o estatuto socioeconómico das famílias dos alunos pertencentes à escola; Caraterização do Agrupamento, de acordo com o qual foi feito um levantamento histórico sobre a constituição da escola; Recursos Humanos, onde estão discriminados os elementos que constituem o pessoal docente, não docente e também alunos, de cada uma das escolas constituintes do agrupamento; Caraterização da Escola onde se encontram os diferentes organigramas da direção da escola e ainda uma breve explicação sobre as responsabilidades de cada um desses órgãos e a caraterização da disciplina de

Educação Física, (recursos humanos, espaciais e materiais existentes na escola).

Após esta etapa realizada em grupo, cada estagiário desenvolveu o trabalho correspondente à sua turma. No que nos diz respeito, realizámos numa primeira fase a caracterização da turma, através de um questionário e de um teste sociométrico, que nos permitiu conhecer melhor a turma no geral, e também cada aluno de uma forma mais particular. Após este ponto, o plano anual ficou em suspenso, até à realização de todas as avaliações diagnósticas, das modalidades que iríamos abordar durante o ano letivo, pois só após a reflexão das mesmas pudemos construir o planeamento anual de turma previsto (Anexo I). Nesse planeamento ficaram decididos os momentos de contacto da turma com cada uma das Unidades Didáticas que iriam abordar, consoante o nível da turma, na medida em que, naquela onde houvesse um nível de conhecimentos maior, seriam dadas menos aulas. Por outro lado nas Unidades Didáticas onde os conhecimentos fossem menos desenvolvidos, o número de aulas seria maior, de forma a induzir uma maior evolução. Neste momento do planeamento, também definimos as estratégias gerais do ensino, mencionando as Técnicas de Intervenção Pedagógicas a aplicar durante a parte prática.

Todo este processo levou sempre em linha de conta diversos documentos oficiais que norteiam todo e qualquer processo ensino-aprendizagem, e são eles o Programa Nacional de Educação Física para o 3º ciclo, Plano Anual de Educação Física da escola para o 3º ciclo, o Roullement, o Regulamento Interno da Escola e o Projeto Educativo do Agrupamento.

O Plano Anual de Turma deu origem a outras planificações parcelares como Unidades Didáticas e Planos de Aula.

3.1.2. Unidades Didáticas

“O conteúdo e a estruturação das unidades didáticas são determinados pelos objetivos, indicações de matérias e linhas metodológicas dos programas e do Plano Anual, procurando garantir a sequência lógica e metodológica da matéria e organizar as atividades do professor e dos alunos, regulando e orientando a ação pedagógica ao conferir às diferentes aulas um contributo claro para o desenvolvimento dos alunos” (Bento, 1998).

As Unidades Didáticas, também conhecidas por blocos de matéria, são partes fundamentais do programa de uma disciplina. Este documento constitui o nível fundamental de planeamento de ensino, visto que facilita e possibilita a prática educativa, tendo em conta que deve apresentar, de forma concreta, precisa e explícita os objetivos, a matéria e as linhas orientadoras do processo de Ensino-Aprendizagem e têm como objetivo esclarecer os aspetos centrais da formação e educação.

Na primeira fase de planeamento destas unidades, o trabalho foi desenvolvido de forma coletiva, sendo abordados os pontos comuns ao Núcleo de Estágio. Neste capítulo foram focados aspetos relacionados com a análise/caraterização da matéria/modalidade, nomeadamente no que concerne à sua história, regras, gestos técnicos principais e conteúdos técnicos/táticos específicos

Posteriormente, cada professor estagiário procedeu ao reajuste dos conteúdos e às adaptações necessárias, em relação ao diagnosticado nas suas turmas, ao seu ano de escolaridade e considerando as características de desenvolvimento psicomotor e cognitivo dos seus alunos. Só assim se torna possível a adequação das situações de aprendizagem a cada contexto. Através dessa análise, procedemos então à definição de objetivos gerais e específicos, diferenciados em função dos níveis de aprendizagem identificados. Seguidamente foi realizada a Extensão e Sequência de Conteúdos (Anexo II), a realizar em cada matéria, bem como as progressões pedagógicas que achamos necessárias realizar, para que pudéssemos, ao longo do processo ensino-aprendizagem, originar nos alunos um processo evolutivo que lhes permitisse atingir os objetivos, por nós delineados nas diversas Unidades Didáticas. Para a construção da Extensão e Sequência de Conteúdos tivemos que conjugar diversos fatores como o Roulement, de acordo com o espaço em que a aula iria ser lecionada, bem como o número de aulas disponível para cada matéria, para assim podermos fazer uma distribuição equilibrada e consciente de todos os conteúdos que tínhamos planeado abordar.

Foram também delineadas as estratégias específicas a privilegiar no que diz respeito à complexidade das tarefas, feedback, estilos de ensino, e dimensões de intervenção pedagógica, procurando desde logo utilizar a diferenciação do ensino como forma de promover a igualdade de sucesso nas

aprendizagens. A planificação das unidades didáticas contemplou ainda a definição de momentos e estratégias de avaliação, respeitando os critérios e estratégias definidos pelo Departamento de Educação Física.

Tal como os restantes documentos planeados, as Unidades Didáticas não são estanques, estando sujeitas a reajustes e alterações ao longo do ano letivo. As Unidades Didáticas foram dadas como concluídas de forma gradual e quando as metas e os objetivos colocados foram atingidos e depois de realizados e refletidos os diferentes tipos de avaliação.

3.1.3.Plano de aula

O plano de aula constitui o último documento do planeamento, que dará continuidade ao planeamento anual e às unidades didáticas. Dentro da unidade didática cada aula tem os seus objetivos e os seus conteúdos essenciais definidos.

“O Plano de Aula é a unidade básica de planeamento e uma forma detalhada e pormenorizada do planeamento de ensino adaptado e aplicado à sala de aula” (Bossle, 2002).

O plano de aula serve como guião para a aula, e deve ser visto como um recurso orientador da organização e estrutura da aula. A sua planificação deve ser flexível e suscetível de ser alterada, caso as condições da própria aula assim o exijam. É o plano de aula que materializa todo o planeamento realizado anteriormente e que contribui para a eficácia e sucesso do processo Ensino-Aprendizagem.

Para podermos cumprir os objetivos previstos para a aula, assegurar a sua boa organização e a fluidez entre tarefas, de forma coerente, segura, sem improvisos nem imprevistos e com sucesso, é imprescindível a construção do Plano de Aula pois ele é o fio condutor da ação do professor.

De acordo com Graça (2009) “ensinar não é uma ciência, é uma interpretação da ciência, visa procurar as questões do intuitivo. Consequentemente o plano de aula deve ser interpretado como um “livro de apoios” e não como uma “Bíblia”. Como afirma o autor, e como referimos anteriormente, o plano de aula não deve ser o centro do processo de ensino, a partir do qual o professor se rege pelas suas diretivas; ele deve servir de apoio e de orientação para o bom funcionamento da aula, mas deve estar sujeito à

adaptação e reformulação, a qualquer instante, se o contexto da aula assim o ditar.

No plano de aula estão presentes a função didática, os objetivos da aula, os recursos didáticos materiais, a descrição das tarefas, os objetivos específicos da tarefa, os critérios de êxito, as componentes críticas da tarefa e o tempo de cada tarefa (Anexo III). Os planos de aula durante o ano letivo foram estruturados em três momentos distintos: parte inicial, parte fundamental e parte final. A parte inicial continha a transmissão de informação inicial, onde constava a apresentação da aula, referência aos objetivos, tarefas a realizar e as componentes críticas fundamentais a ter em conta na realização dos exercícios, e no aquecimento. A parte fundamental era caracterizada pela exercitação dos conteúdos propostos para a aula e era o momento mais longo da aula. Na parte final da aula constava o retorno à calma, uma síntese do que se tinha passado na aula, aspetos a melhorar e a ponte com a aula seguinte.

Creemos que ao longo do estágio foi possível observar a nossa evolução na construção deste tipo de planificação: enquanto no início do ano letivo demorava demasiado tempo na elaboração do documento, procurando definir os exercícios, analisando se a dinâmica destes iriam ao encontro dos objetivos propostos para a aula, procurando quais seriam os alunos indicados para os grupos de nível de proficiência, diligenciando uma organização espacial que permitisse ter o maior número de alunos em prática em simultâneo, ao mesmo tempo que conseguiria transições entre exercícios sem que houvesse necessidade de interromper a aula por alguns minutos. Tudo isso fazia com que a elaboração do plano de aula fosse um processo extenso e demorado. Ao longo do ano letivo e com as rotinas criadas, com o conhecimento da turma e com uma melhor capacidade de análise e de síntese, conseguimos definir mais rapidamente o que realmente pretendíamos para cada aula e como traduziríamos isso para um espaço físico.

Do plano de aula constava sempre a justificação de todas as opções tomadas. A justificação do plano de aula foi então útil para explicar todas as escolhas tomadas para cada aula, o que não era possível acrescentar na estrutura acima referida, ou o que foi necessário alterar de aulas anteriores por não se revelar exequível ou pedagogicamente correto ou ainda adequado às necessidades do momento. Será também uma mais-valia no futuro pois ao

consultar estes documentos vou poder lembrar-me das estratégias e objetivos que estão ocultos no plano.

3.2.Realização

É na realização do processo de ensino que o professor tem uma intervenção prática, onde ocorre a aprendizagem por parte dos alunos, isto é, onde o professor passa da teoria à prática, no processo denominado por ensino-aprendizagem.

Em seguida, passamos a apresentar uma análise do ponto “Realização”, de acordo com as dimensões de intervenção pedagógica em aula: Instrução, Gestão, Clima e Disciplina. Serão também analisadas as decisões de ajustamento tomadas.

“As quatro dimensões do processo ensino-aprendizagem estão sempre presentes de uma forma simultânea em qualquer episódio de ensino” (Siedentop, 1998). Como refere o autor, para que em cada uma das dimensões do processo ensino-aprendizagem o professor obtenha o sucesso desejado é necessário o sucesso das demais dimensões.

3.2.1.Instrução

A dimensão instrução mostrou ser um aspeto fundamental a ter em conta na lecionação de uma aula, estando mesmo presente em todo o seu tempo de realização.

No início do estágio pedagógico, foi sentida alguma dificuldade em garantir uma boa qualidade de instrução durante os vários momentos de aula. Relativamente às preleções, nos momentos iniciais e finais das aulas, mais uma vez devido à inexperiência do estagiário, não era conseguido realizar instruções simples e objetivas. A tendência era transmitir inúmeras e desnecessárias informações aos alunos, o que levava, por sua vez, a que o tempo de exercitação fosse mais reduzido. Com o evoluir do processo de formação foi aumentando a nossa capacidade de implementar uma instrução adequada e pertinente e com isso aumentou imenso o potencial de aprendizagem das aulas. A capacidade de seleção de informação a transmitir aos alunos também melhorou, o que permitiu realizar instruções de menor duração, mais precisas e focadas nos aspetos necessários para o bom funcionamento da aula e aprendizagem dos alunos.

Realizei questionamento no início da maioria das aulas, com o objetivo de rever os conteúdos da aula anterior, como forma de articulação, e no final das aulas para verificar se atingiram os previamente delineados. Tivemos a preocupação de colocar a pergunta e só á posteriori nomear o inquirido, de dar tempo para a resposta e de valorizar a resposta. As questões foram maioritariamente recordatórias (requerendo níveis de memória) e divergentes (considerando aspetos exploratórios não conhecidos, resolução de problemas). Ao aplicar este processo de questionamento em todas as aulas, levou a que os alunos estivessem com níveis de concentração mais elevados.

O feedback, que segundo Godinho, Mendes e Barreiros (1995) “é a expressão genérica que identifica o mecanismo de retroalimentação de qualquer sistema processador de informação”, assim sendo, numa fase inicial a tipologia de feedbacks distribuídos na aula foi descritivo e prescritivo porém, rapidamente e progressivamente o feedback interrogativo foi valorizado, aumentando a concentração e retenção da informação transmitida. Nos momentos de transmissão dos conteúdos procurámos, de forma breve e objetiva, explicitar as principais tarefas, descrevendo sucintamente as situações de aprendizagem, os seus principais objetivos e se necessário os erros mais comuns observados pelo professor.

De acordo com Schmidt (1991), “o professor deve suplementar as instruções verbais com a demonstração (modelo), vídeo, filme ou fotografia da ação a ser aprendida”. Quanto à demonstração, antes de acontecer, os alunos colocavam-se todos em posição que permitisse a visualização e se possível no mesmo ângulo de visão. Sempre que nos pareceu pertinente fomos nós a fazer a demonstração, mas quando considerámos que um aluno seria o modelo mais apropriado delegámos essa tarefa. A demonstração, maioritariamente, foi constituída por uma execução lenta e parcial e, só por fim, à velocidade real. Procurámos acompanhar todas as demonstrações com feedback e tivemos o cuidado de avaliar se os critérios de êxito foram realmente adquiridos por parte dos alunos.

3.2.2. Gestão

“A gestão eficaz de uma aula consiste num comportamento do Professor que produza elevados índices de envolvimento dos alunos nas atividades da aula,

um número reduzido de comportamentos dos alunos que interfiram com o trabalho do Professor, ou de outros alunos, e um uso eficaz do tempo de aula” (Siedentop 1998).

Esta dimensão do processo de ensino-aprendizagem foi desde o primeiro dia um dos pontos fortes do estágio. Pensamos que, a experiência que encerramos ao nível do processo de treino nos conferiu algum á vontade, nesta área, sobretudo ao nível da organização espacial e transição entre exercícios. Ainda assim foi perfeitamente notória a nossa evolução do início para o fim do estágio pedagógico. Efetivamente desenvolvi diversas estratégias e ganhei mais maturidade e experiência em todo o processo de gestão da aula.

Relativamente à gestão do tempo, chegamos sempre ao local onde seria lecionada a aula muito antes do tempo previsto, tendo verificado as condições de segurança no espaço de aula, o que permitia atempadamente realizar uma seleção dos materiais necessários e a sua montagem/colocação, a fim de iniciar a aula à hora prevista sem ter que despende tempo efetivo do tempo letivo com esta ação.

Quanto à organização e gestão das aulas, tentámos sempre minimizar o tempo de transição entre exercícios e de colocação do material, fazendo a instrução de forma objetiva e económica e potenciando o tempo de empenhamento motor dos alunos.

Uma das estratégias mais utilizadas foi a formação prévia de grupos de trabalho, e a adoção de diferentes estratégias. Procurámos por vezes distribuir os focos de perturbação pelos vários grupos, para que estivessem mais controlados junto de alunos mais concentrados e empenhados. Outras vezes procurou-se juntar os alunos, passíveis de serem focos de perturbação, no mesmo grupo, permitindo mais liberdade aos restantes grupos e exercendo o professor um maior controlo e supervisão. Outra estratégia utilizada na divisão dos grupos, que não obedeceu ao critério do comportamento mas sim da competência/desempenho, foi a organização de grupos de nível. Por um lado juntar os alunos com mais competência motora permitia prestar especial atenção ao grupo menos desenvolvido. Por outro lado, colocar em cada grupo um aluno que realizasse sem dificuldades os elementos pretendidos, permitia que esse aluno ajudasse os outros elementos que tivessem mais dificuldades.

Outra das estratégias que visava a arrumação do material que já não era necessário para a aula, teve como intervenientes os alunos que não realizavam aula. Era-lhes explicado o que se pretendia e dessa forma eles realizavam toda a arrumação do material necessário, durante a transição dos exercícios e também no final da aula.

Algumas rotinas de aula sofreram alterações a cada matéria, sendo notória a diferença de tempo em episódios de gestão nas primeiras aulas de cada unidade didática, quando as rotinas ainda não estavam consolidadas. A partir do momento em que os alunos já aplicavam as rotinas, sem ser necessária a intervenção do professor, as aulas decorriam com mais tempo de empenhamento motor e aprendizagem.

Apresentou-se também como fundamental a criação de regras e normas de funcionamento da aula, estabelecidas desde o início do ano, focando em especial as regras de segurança gerais e específicas de cada matéria, não facilitando quando se verificou algum incumprimento ao estipulado.

3.2.3. Clima e Disciplina

Devido à profunda interligação e dependência, serão agrupadas e abordadas em conjunto as dimensões do clima e da disciplina. Estas dimensões do processo ensino-aprendizagem são aquelas que englobam aspetos de intervenção pedagógica relacionados com interações pessoais, relações humanas e o meio ambiente.

Como afirma Marques (2004), “a experiência de um bom clima contribui para a satisfação pessoal, para o empenhamento nas atividades prescritas pelo professor e para a maturação emocional dos alunos”.

Ao longo do ano letivo uma das nossas grandes preocupações foi o controlo da turma, na medida em que havíamos sido alertados para a dificuldade de todo o processo, caso esse ponto-chave não fosse prontamente controlado desde o início do ano letivo. Tendo esse facto em consideração, desde o primeiro contacto com os alunos desenvolvemos e aplicámos um conjunto de estratégias e regras que considerámos fundamentais para que a turma estivesse sobre o controlo do professor e para que as aulas pudessem ser mais rentáveis em termos de aprendizagens para os alunos.

A turma no início do ano letivo revelou, quer através do estudo sociométrico que eu realizei quer pela observação direta das primeiras aulas, alguns conflitos entre alunos, que tentei combater com intervenções e estratégias que promovessem um clima positivo, exercícios de ensino recíproco em que os alunos tinham que interagir, responsabilizando-os enquanto turma, de tal forma que esses comportamentos foram-se desvanecendo. Também tentámos promover a interação dos alunos mais “rejeitados” socialmente pela turma promovendo a sua inclusão em grupos de trabalho que considerámos ser benéficos para a sua integração.

Depois de identificar os focos de perturbação da turma procurámos adotar as seguintes estratégias: ser positivo e exigente, motivar os comportamentos adequados com interações positivas, manter uma postura adequada de forma a captar a atenção dos alunos, ser justo e imparcial na relação com os alunos, promover comportamentos e atitudes responsáveis e realçar o respeito e a cooperação entre a turma, o aluno e o professor.

Quando pontualmente surgiram problemas de indisciplina procurámos através do reforço positivo chamar os alunos envolvidos à razão e cativá-los para a tarefa em curso, no entanto nem sempre fomos bem-sucedidos. Em última instância confrontámo-nos com a necessidade de convidar os alunos a sair da aula e a dirigirem-se para a biblioteca com o objetivo de realizarem uma tarefa que consistia num trabalho escrito no âmbito da temática da aula.

Queremos com isto dizer, que consideramos fundamental que o professor procure desde logo criar uma relação de respeito, cordialidade, confiança, motivação, disponibilidade, imparcialidade e de exemplo para com os seus alunos. Importa pois ditar as regras e definir os limites. Na nossa opinião conseguimos criar todos estes laços com a turma, criando um ambiente propício à aprendizagem.

3.2.4. Decisões de Ajustamento

As decisões de ajustamento tomadas nas aulas consistiram sobretudo em mudanças de exercícios, por se verificar que os planeados não estavam a surtir o efeito pretendido, por haver redução ou aumento do espaço destinado à aula (ajustando os exercícios ao local, maximizando sempre os recursos materiais) ou por atraso no decorrer de um exercício planeado que afetasse o decorrer do

restante tempo da aula.

No início consideramos ter sido complicado, em tempo real de aula, sermos capaz de ajustar objetivos de exercícios e os grupos formados, mas com a experiência fomos melhorando este aspeto.

3.3.Avaliação

A avaliação é um momento imprescindível no processo ensino-aprendizagem.

Segundo o Despacho Normativo n.º 6/2010, “A avaliação é um elemento integrante e regulador da prática educativa, permitindo uma recolha sistemática de informações que, uma vez analisadas, apoiam a tomada de decisões adequadas à promoção da qualidade das aprendizagens”.

Na perspectiva de Perrenoud (1999), “...a função nuclear da avaliação é ajudar o aluno a aprender e ao professor, ensinar”. Avaliar então não se limita a “dar notas” ou a atribuir níveis, da mesma maneira que, como defende o autor, os professores não ensinam para avaliar, mas avaliam para proporcionar um ensino com melhor qualidade. A avaliação é um meio, não um fim e o modo como os professores avaliam condiciona o modo como os alunos aprendem.

A avaliação é portanto um processo complexo, realizado ao longo do ano, de forma a sustentar a regulação do processo ensino-aprendizagem assim como garantir socialmente as aquisições realizadas pelos alunos.

Para que a avaliação possa ser realizada de forma correta, é necessário que o professor tenha um bom domínio da matéria a observar bem como dos gestos técnicos caso contrário irá prender-se em pormenores que não vão permitir eficácia na recolha de informação.

A avaliação teve em conta três domínios: sócio afetivo, psicomotor e cognitivo. Os critérios de avaliação foram entregues aos alunos no início do ano letivo. No primeiro domínio aqui referido, são tidas em conta as atitudes e valores, onde se considera por exemplo a assiduidade, a pontualidade, a participação e o respeito pelas normas e regras da aula.

Segundo Cardinet (1986) as funções da avaliação são três, a saber:

a) A seleção/orientação em que se procura fundamentar um diagnóstico e prognóstico que sustenta as decisões, quer de seleção, quer de orientação sobre a evolução futura do aluno – Avaliação Diagnóstica.

b) A regulação dos processos de ensino/aprendizagem, que se destina à própria ação didática, no sentido de lhe fornecer informações úteis para um funcionamento mais eficaz. É provavelmente aquela que tem um maior sentido no campo pedagógico – Avaliação Formativa.

c) A certificação certificativa, com o objetivo de um reconhecimento de aprendizagens ou validação de competências, perante terceiros, no final de um ciclo de estudos – Avaliação Sumativa.

Desde o início do ano letivo preocupámo-nos em utilizar a avaliação, nas suas diversas modalidades, usando-a como componente reguladora e de melhoria do processo ensino-aprendizagem. Para todos os momentos de avaliação, construímos grelhas de registo dos comportamentos observados, adequadas aos objetivos pré-definidos.

Decidimos também utilizar a autoavaliação para que os alunos fossem capazes de refletir sobre o seu percurso escolar e de serem capazes de formar juízos acerca das suas capacidades e atitudes.

Para a área da Educação Física da Escola EB 2/3Castro Matoso (Oliveirinha) foram discutidos e definidos em reunião de departamento e posteriormente aprovados pelo conselho pedagógico, os parâmetros e critérios de avaliação dos alunos de regime normal e em regime de atestado médico (anexo IV).

3.3.1. Avaliação Diagnóstica

A avaliação diagnóstica “pretende averiguar a posição do aluno face a novas aprendizagens que lhe vão ser propostas e as aprendizagens anteriores que servem de base àquelas, no sentido de obviar as dificuldades futuras e, em certos casos, de resolver situações do presente” (Ribeiro, 1999).

Este tipo de avaliação é fundamental, na medida em que é a principal ponte de ligação para a etapa do planeamento. O professor só pode promover o sucesso educativo se reconhecer as principais dificuldades e potencialidades dos seus alunos.

Uma vez que a Avaliação Diagnóstica tem como objetivos averiguar a posição do aluno face a novas aprendizagens bem como identificar o nível inicial da turma e de cada aluno em relação a uma determinada matéria de ensino, o Núcleo de Estágio juntamente com o professor orientador decidiu que as

primeiras aulas seriam exclusivamente destinadas a realizar a avaliação diagnóstica de todas as matérias que seriam abordadas. Só desta forma poderíamos decidir e planear as Unidades Didáticas às quais atribuiríamos um maior número de aulas e as que poderíamos abordar com um número reduzido de aulas, consoante o nível averiguado durante a avaliação.

Para a realização das diferentes avaliações diagnósticas, tivemos que passar por várias fases ao longo da sua execução. A primeira fase prendeu-se com a definição dos vários elementos de cada uma das unidades didáticas, que seriam alvo de uma avaliação diagnóstica, bem como dos critérios de êxito para cada um desses elementos. O próximo passo foi a construção dos instrumentos utilizados para fazer a recolha dos dados (Anexo V) e a sua aprovação pelo professor orientador. Esta tabela estava organizada em colunas, e cada coluna correspondia a um elemento técnico e/ou tático, onde se enquadravam os níveis de proficiência de cada aluno. (Não Executa – NE/Executa – E/Executa Bem - EB)

Após a realização das várias aulas de avaliação diagnóstica, onde foram avaliadas as diferentes matérias, e da respetiva recolha dos dados, foi efetuado um relatório para cada matéria, onde foram definidas as aprendizagens dos alunos e os diferentes grupos de nível, de forma a poder terminar a fase inicial de construção das unidades didáticas, com a definição de estratégias a adotar, bem como de metas a atingir.

A principal dificuldade sentida foi o facto de não conhecermos bem a turma e o nome dos alunos, o que inibiu a nossa avaliação pois não conseguimos ser tão eficiente como desejaríamos. Outra dificuldade sentida foi a construção do instrumento de avaliação a propósito do qual sentimos dúvidas no que seria mais importante de observar. Ainda assim pensamos que é notória a evolução desde o primeiro momento de avaliação diagnóstica realizada até ao último. De um modo geral os objetivos para este tipo de avaliação foram cumpridos uma vez que conseguimos perceber o nível em que se encontrava a turma, conseguimos identificar os alunos com maiores capacidades para cada modalidade, conseguimos reconhecer os alunos que sentiam mais dificuldades e conseguimos identificar os principais erros nas diferentes componentes críticas, que posteriormente foram analisados e foram trabalhadas com maior ênfase de forma a serem ultrapassados pelos alunos.

Outra das grandes vantagens que a análise dos resultados deste tipo de avaliação nos proporcionou foi a formação de grupos de nível de desempenho, para os quais foram delineados objetivos diferenciados nas diversas modalidades.

3.3.2. Avaliação Formativa

A Avaliação Formativa envolve “processos utilizados pelo professor para adaptar a sua ação pedagógica em função dos progressos e dos problemas de aprendizagem observados nos alunos.”, (Bloom, 1971).

Ainda segundo Sriven (1967) “a avaliação formativa pode ser entendida como os processos concebidos para permitirem ajustamentos sucessivos durante o desenvolvimento e a experimentação de um novo currículo”. O objetivo então desta avaliação é o controlo do processo ensino-aprendizagem, através de uma observação sistemática, que permite perceber possíveis dificuldades, registar a evolução dos alunos e transmitir-lhes informações sobre o seu rendimento e a sua performance.

Este tipo de avaliação realizou-se no decorrer das Unidades Didáticas e incidiu nos três domínios: Psicomotor, Cognitivo e Sócio afetivo. Tratando-se de uma avaliação contínua pode assumir um carácter informal ou um carácter formal, e pode acontecer tantas vezes quantas o professor tiver oportunidade ou achar pertinente.

Assim, procurámos que todas as avaliações formativas que realizámos, ocorressem sensivelmente a meio do processo ensino-aprendizagem, de forma que, após a sua análise e reflexão, tivéssemos tempo de alterar estratégias, metodologias e conteúdos a abordar. Este tipo de avaliação é de carácter qualitativo, e o professor realizava o transfere, para dados descritivos, a situação específica de cada aluno.

O principal instrumento desta avaliação foi a observação participada. O professor deve ter em conta todas as observações que realiza durante as aulas e ajustar o processo de ensino. Nas diferentes Unidades Didáticas foram também definidas aulas, em que se realizou este tipo de avaliação de uma forma “formal”, tendo sido utilizado um instrumento (Anexo VI) construído pelo núcleo para o efeito. Os alunos foram avisados que estariam sob avaliação nessas mesmas aulas.

Este tipo de avaliação é também importante na medida em que é transmitida aos encarregados de educação, permitindo que ajudem os seus educandos e que melhorem as suas prestações, auxiliando-os se necessário. Este ponto é realizado através das avaliações intercalares, que são exigidas pelo Diretor de Turma aquando da reunião de avaliação intercalar.

3.3.3 Avaliação Sumativa

Haydt (2002) refere,

“A Avaliação Sumativa é a soma de todas as avaliações realizadas no fim de cada unidade didática, com o objetivo de obter um quadro geral da evolução do aluno. Permite ao professor classificar os alunos de acordo com os níveis de aproveitamento. É realizada ao final da unidade didática, ou período letivo, de acordo com os critérios previamente impostos ou negociados.”

A Avaliação Sumativa consiste na formulação de um juízo globalizante sobre o desenvolvimento das aprendizagens do aluno e das competências definidas para cada disciplina e área curricular (Despacho Normativo n.º 6/2010, de 19 de Fevereiro, Capítulo II - Processo de Avaliação).

Através deste tipo de avaliação é possível monitorizar as aprendizagens dos alunos e verificar se os objetivos foram alcançados, ou seja, permite aferir todo o processo de aprendizagem. Nesta linha de pensamento a Avaliação Sumativa tem também função específica de certificação e qualificação, que possibilita a atribuição de um nível final que reflete todo o percurso anterior.

A avaliação sumativa corresponde à fase em que é feito o balanço das aquisições, ou seja, tem como finalidade classificar os alunos no final de cada Unidade Didática. Esta tem um carácter quantitativo, pois é atribuído um nível final relativamente às prestações dos alunos. Porque se trata de um “balanço final” só tem sentido efetuar-se quando a extensão de caminho percorrido já é grande e há material suficiente para justificar uma apreciação deste tipo.

A avaliação sumativa foi realizada por norma na última aula de cada modalidade e reuniu os dados relativos a dois domínios de avaliação (psicomotor e cognitivo). A avaliação do domínio cognitivo foi apurada através da realização de um teste escrito. A componente prática consistiu na execução dos gestos técnicos isolados e em situação de prova real, sendo registados na grelha de avaliação sumativa (Anexo VII). Para além da avaliação de cada matéria já designada acima, no final de cada período houve avaliação da condição física,

através de testes Fitnessgram (Anexo VIII), verificando se se encontram na zona saudável de aptidão física e contando estes para a classificação final dos alunos.

O instrumento utilizado para os registos das várias avaliações sumativas de todas as unidades didáticas abordadas até ao momento, foram bastante idênticas àquelas que foram usadas na avaliação diagnóstica, diferenciando-se apenas num ponto: os registos deixaram de ser qualitativos, e passaram a ser quantitativos (níveis de 1 a 5), de acordo com critérios de êxito por mim definidos e devidamente especificados na folha de avaliação sumativa.

3.4.Componente Ético-Profissional

Para Cunha (2008),

“(…) parece importante que o professor seja capaz de teorizar as suas práticas e de as comunicar aos outros, assim como intervir na escola, de forma a estimular a interação com a comunidade. Deve portanto, ser um professor “completo” atuando nos mais variados contextos da ação educativa.”

Como defende a citação de Cunha, o professor deve ser capaz de atuar em todos os contextos da ação educativa. Sendo assim a sua atuação vai para além da componente do planeamento, da realização e da avaliação. A sua componente ético-profissional é também indispensável para o sucesso do seu trabalho.

A ética profissional orienta o trabalho de todos os professores no meio escolar e na sua tarefa de ensinar, logo é uma parte extremamente importante do desenvolvimento de qualquer professor, ainda mais de um professor estagiário que está a dar os primeiros passos no ensino e que necessita de criar bons hábitos de trabalho e de responsabilidade.

Durante todo o ano manifestámos disponibilidade e interesse para com a nossa turma e todos os assuntos inerentes à mesma, sempre com a preocupação de estarmos informados sobre os alunos e os seus gostos. Para tal foi importante a relação que tivemos com o diretor de turma que é também o professor orientador Fernando Leite pois trouxe-nos a vantagem de estar diariamente em contacto com ele, e assim atualizados em relação a tudo o que ocorria com a turma. Ter um conhecimento profundo acerca dos alunos aos quais lecionamos as nossas aulas, é muito importante. Atendendo a que a Educação Física beneficia de um contacto privilegiado com os alunos, o

professor de Educação Física tem um papel integrador e pode passar por este a detecção de alguns problemas sobretudo sócio afetivos.

Durante todo o percurso decorrido este ano letivo, cumprimos sempre os horários e tratamos com respeito e cordialidade toda a comunidade escolar. Obedecemos às diretrizes constantes do guia de estágio 2013/2014, cumprindo muito mais que as tarefas mínimas exigidas. Pensamos que sendo este Estágio Pedagógico uma oportunidade singular no processo de formação, deveria ser disfrutado ao máximo.

Relativamente ao trabalho em equipa, pensamos que a cooperação foi a palavra-chave para o sucesso do trabalho do Núcleo de Estágio, não só para elaboração de documentos mas também para reflexão do trabalho realizado individualmente, ou para partilha de preocupações, dificuldades e conhecimentos. Em conjunto tentámos encontrar soluções adequadas a cada questão. Neste capítulo procurámos sempre ser responsáveis e ajudar os nossos companheiros.

Ao longo do ano letivo, contribuímos com a nossa participação e apoio em diversas atividades, estando presentes em atividades mesmo que não fossem organizadas pelo núcleo. Pensamos que qualquer professor deve ter presente o seu compromisso para com a entidade a que pertence, desta forma procurámos ser professores participantes nas atividades curriculares que nos foram solicitadas.

Um professor deve ser um exemplo para os alunos, como tal deve incutir-lhes valores morais e de cidadania, participando na sua formação não só como alunos, mas também como pessoas, e como “futuros homens e mulheres” que necessitam de saber viver em sociedade e nela ser capazes de participar como cidadãos ativos e responsáveis. Neste sentido, a nossa conduta na escola pautou-se pela difusão e implementação de valores que entendemos como fundamentais para que se possa promover uma cidadania regida por uma série de padrões socialmente aceites, promovendo a formação ética dos alunos.

Um dos compromissos assumidos prendia-se também com a formação. Assim, ao ter consciência que precisávamos de melhorar as bases científicas, em determinadas temáticas, procurámos, na preparação para as aulas e ao longo de todo o ano letivo, investir na pesquisa bibliográfica das áreas a desenvolver e potenciar o nosso desenvolvimento profissional e pessoal. Posto

isto, considera-se que esta prática não só melhorou a nossa aprendizagem como a dos alunos, pois demonstrávamos mais segurança no domínio das matérias.

3.5. Justificação das opções tomadas

Ao longo do ano letivo foi necessário tomar decisões, que obviamente tiveram influência direta no processo de ensino-aprendizagem. Essas decisões foram tomadas sempre com base em critérios específicos e predefinidos, e em decisões fundamentadas. Desta forma, todo o planeamento foi realizado com clareza, estando prevista uma justificação consistente para as opções tomadas. As opções/decisões tomadas foram individuais e/ou em grupo mas sempre tendo como referência e como preocupação máxima os interesses e as características de cada turma e de cada aluno.

3.5.1. Organização do ano letivo

As primeiras decisões começaram desde logo no planeamento anual das unidades didáticas, que foram fortemente influenciadas pelos parâmetros definidos pelo Departamento de Educação Física da Escola. Respeitando estes parâmetros e o esquema de rotação pelos espaços (roulement), o poder de decisão centrou-se sobretudo na ordem pela qual as matérias seriam lecionadas.

Desta forma, e de por forma a possibilitar uma maior eficácia na aquisição de competências na área da Educação Física (mas também cívica e social), a opção de intercalar as atividades/matérias entre individuais e coletivas, revelou-se uma mais-valia, na medida em que no fundo acabam por complementar a formação do aluno. As competências adquiridas nestes dois tipos de matérias são obviamente diferentes, já que no campo individual se estimulam as capacidades do indivíduo, enquanto nas matérias coletivas torna-se sobretudo fundamental inverter esta realidade, para que o indivíduo consiga contribuir para os objetivos do grupo. Desta forma procurámos que em cada período fossem lecionadas matérias coletivas e individuais tendo havido uma preocupação consciente de as alternar.

Assim, as modalidades por período ficaram divididas do seguinte modo:

1º Período – Atletismo e Voleibol;

2º Período – Andebol, Raquetas, Patinagem, Dança e Ginástica de Solo;

3º Período – Andebol, Dança, Ginástica de Aparelhos e Patinagem;

3.5.2. Estrutura das aulas

Os exercícios propostos iam ao encontro do nível da turma e dos objetivos selecionados. Procurámos que os exercícios fossem variados de forma a desenvolver os vários estímulos, mas procurámos que mantivessem uma “matriz”, com o objetivo de promover rotinas na turma, para que ao longo do tempo, fosse despendido pouco tempo na explanação e organização dos exercícios.

No caso das modalidades coletivas, optámos maioritariamente por situações de superioridade numérica e situações de jogo reduzido, onde para além de exercitarem os gestos técnicos específicos, os alunos também exercitavam os diferentes conceitos táticos. Apenas na modalidade de Voleibol demos algum ênfase a exercícios analíticos uma vez que a modalidade depende muito da qualidade técnica dos seus elementos para que o jogo flua com sucesso.

Nas modalidades individuais, os exercícios eram um pouco mais analíticos, no entanto, adaptando os diferentes estilos de ensino, tentámos sempre que a aula fosse motivante para os alunos.

Na parte final das aulas, os exercícios foram essencialmente de retorno à calma. Era também realizado um questionário aos alunos e realizado um resumo geral do que se tinha pretendido com a aula. A turma nesta parte final poderia colocar todas as dúvidas relacionadas com as respetivas modalidades.

Sendo a condição física transversal a todas as Unidades Didáticas, esta, não foi esquecida durante as aulas. Os exercícios propostos tinham como objetivo a melhoria das capacidades dos alunos. Em todos os períodos os alunos realizaram avaliação da sua condição física através da bateria de testes do *fitnessgram*.

Tentámos evitar a rotina programando para as diversas aulas exercícios tão variados quanto possível.

3.5.3. Processo ensino-aprendizagem

Durante as diferentes modalidades abordadas e tendo em consideração o momento do ano letivo/matéria, os níveis psicomotores existentes na turma e as características dos alunos nomeadamente no que diz respeito à autonomia e

responsabilidade, optámos também por metodologias de ensino diferenciadas e diversificadas.

De uma maneira geral no início do ano tentámos inculcar um estilo de ensino mais por tarefa e comando, tentando não dar tanta liberdade aos alunos; à medida que fomos conhecendo a turma e os seus comportamentos, fomos introduzindo o estilo de ensino inclusivo e de descoberta guiada. Esta diversidade de estilos de ensino proporcionados ao longo deste ano letivo contribuiu de forma inequívoca para o enriquecimento do processo de ensino-aprendizagem e para a melhoria da qualidade das aprendizagens.

Os grupos formados foram heterogéneos ou homogéneos, de acordo com as necessidades grupais e especificidade da matéria a abordar. Os grupos homogéneos permitiam aumentar o nível de empenho e a motivação dos alunos mais capacitados; os grupos heterogéneos desafiavam os alunos com mais dificuldades a transcenderem as suas performances. Como facto negativo os grupos homogéneos tendem a aumentar o desinteresse nos alunos menos capacitados, e na criação de grupos heterogéneos existe a possibilidade de colocar “pressão” nos alunos com mais dificuldades. Por esta razão procurámos variar a utilização dos grupos homogéneos/heterogéneos, consoante o que achávamos mais adequado para cada situação da aula, aumentando assim os níveis de motivação e empenho dos alunos.

Em relação às funções didáticas das aulas a nossa opção foi sempre de coerência com as respetivas Unidades Didáticas e tendo em conta o nível da aprendizagem da turma. Procurámos sempre que possível em todas as modalidades, que cada aluno consolidasse o nível em que estava para que pudesse avançar para o nível seguinte. De realçar que procurámos utilizar as aulas de 90 minutos quando pretendíamos introduzir novos elementos, sendo que utilizámos as aulas de 45 minutos apenas para exercitar e consolidar conteúdos já abordados.

4. ANÁLISE REFLEXIVA

(...) a reflexão não é um conjunto de técnicas que possam ser compactadas e ensinadas aos professores, não consiste num conjunto de passos ou procedimentos específicos. Ser reflexivo é uma maneira de ser professor” Zeichner, (1993).

4.1. Aprendizagens efetuadas enquanto professor estagiário

Para Freire (1996) “Ensinar não é apenas transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou sua construção”.

Segundo Perrenoud, (2001) “ (...) cada um aprende por si mesmo, sem imaginar que muitas vezes chega, por meio de caminhos incertos e difíceis, às aquisições das ciências sociais e humanas e às habilidades dos pedagogos”.

Ao longo deste ano letivo foram inúmeras as aprendizagens realizadas. Após este ano, conseguimos perceber que tudo o que se experiencia, que se põe em prática, é mais facilmente apreendido, ou seja, verifica-se a consolidação dos conhecimentos teóricos. cremos que aí reside o valor fulcral do processo de estágio pedagógico – fazer para aprender a fazer bem.

A observação de aulas por parte dos colegas estagiários e pelo professor orientador, com posterior debate e análise de situações foi uma mais-valia que permitiu ao longo da nossa formação reformular a nossa postura e aperfeiçoar a nossa prestação enquanto profissionais da educação. Valorizamos e construímos de forma efetiva a nossa formação enquanto agentes de ensino.

Na nossa opinião as aprendizagens mais importantes e significativas aconteceram ao nível das competências do processo de ensino-aprendizagem e também as que se relacionam com a capacidade de reflexão crítica do trabalho que realizámos. Percebemos que só através da reflexão se consegue evoluir, que reformular a nossa atuação evitará que enveredemos por caminhos rotineiros e que não promovem o sucesso nas aprendizagens dos nossos alunos.

No que se refere ao domínio do planeamento pensamos que foram inúmeras as aprendizagens que realizámos. Sentimos que, a este nível, seremos capazes de, no futuro, promover um bom planeamento e evoluir ainda mais neste capítulo. Como fator mais importante na nossa aprendizagem destacamos a

importância da análise do meio escolar em que os alunos estão inseridos (contexto, recursos, ...), bem como das características da própria turma tanto ao nível social como da prática desportiva (níveis de desempenho dos alunos – Avaliação Diagnóstica), para a elaboração de um planeamento adequado e realista para a turma. Percebemos que não faz sentido planear atingir o impossível ou projetar objetivos para atingir o que se gostava que acontecesse. É necessário, assim, analisar as indicações programáticas e cruzá-las com as informações que possuímos sobre os alunos, traçando metas exequíveis. A interligação de todos os documentos de planeamento tem de estar bem definida, pois não se pode encarar o processo ensino – aprendizagem como algo baseado em parâmetros isolados.

Ainda relativamente ao Planeamento tomámos conhecimento dos documentos necessários e aprendemos a construí-los. Para tal foi fundamental a ajuda do orientador que nos alertou para os documentos necessários em todos os momentos e nos mostrou como construí-los de forma mais eficaz. No caso específico do plano de aula pensamos que aprendemos a ser mais objetivos na sua construção, compreendemos a seleção de exercícios mais, direcionados para os objetivos e promotores de uma efetiva e real evolução nos alunos.

No domínio da intervenção pedagógica foi onde realizámos as maiores aprendizagens. Em relação à instrução aprendemos a transmitir os conteúdos, regras e cuidados a ter nas tarefas, de forma clara e objetiva. Concluímos que o uso de feedbacks positivos de reforço influencia positivamente o desempenho dos alunos, assim como o interrogativo. É determinante envolver os alunos no processo Ensino-Aprendizagem, promover a sua capacidade de identificar os seus erros e orientá-los na resolução da situação problemática. O fecho dos ciclos de feedbacks foi algo que procurámos efetuar, sendo que, no início do ano era um pouco mais complexo. De forma nem sempre lesta mas com eficácia, fomos compreendendo a sua importância e dinâmica, até sermos capazes de fornecer um feedback prescritivo e permanecer perto do aluno para observar a nova execução.

Quanto ao ambiente no espaço de aula, clima/disciplina, foi um ano de aprendizagens que servirão de suporte para todo o futuro. Devido à heterogeneidade das turmas e ao número elevado de alunos, estes tendem a entrar numa espiral de comportamentos inapropriados, e nesse sentido torna-se

fundamental a atuação do professor. No que diz respeito ao domínio da disciplina procurámos assumir uma atitude inicial rígida, estabelecendo penalizações e impondo os limites de um comportamento aceitável. Com o passar das aulas esta disciplina passou a ser natural: os alunos incorporaram a aula como algo importante e assumiram a responsabilidade perante o professor, respeitando a sua função e tirando o máximo proveito disso. Procurámos sempre usar estratégias para que estes se motivassem para a prática da disciplina de Educação Física. Acreditamos que as estratégias implementadas em sala de aula foram as mais corretas e adaptadas à turma C do 8º ano em particular, pois os alunos, embora que com oscilações, mostraram o seu empenho ao longo do ano letivo.

Por fim, e no que se reporta às aprendizagens realizadas, nos momentos de Avaliação, devemos dizer que adquirimos competências de observação. Desenvolvemos a capacidade de fazer de síntese dos dados recolhidos e, conseqüente transformação em informações capazes de apoiar decisões pedagógicas, com o objetivo de ir ao encontro da melhoria da prestação dos alunos. Alargamos os nossos horizontes e tornamo-nos capazes de conduzir uma aula de avaliação com a mesma intensidade e capacidade de fornecer feedbacks como se fosse uma aula dita “normal” se tratasse. Também conseguimos ser mais objetivos na construção de instrumentos de avaliação e definir com clareza e objetividade o que se pretende ver avaliado.

4.1.1. Compromisso com as aprendizagens dos alunos

“o professor como controlador, avaliador, encarregado de informar e conduzir seus alunos em direção a objetivos externos à aquisição de conhecimentos; o que levaria os alunos a uma aprendizagem do tipo extrínseco, isto é, voltada para objetivos externos de quem aprende, escolhidos pela escola ou pela sociedade em que vive e não pelo autor do processo”. Maslow (1991)

Em relação às aprendizagens dos alunos, devemos referir que, desde o primeiro dia, os alunos se mostraram dispostos e motivados na abordagem à disciplina de Educação Física. O nosso compromisso visava o desenvolvimento das várias competências dos alunos, procurando atingir o máximo das suas capacidades e proporcionando-lhes condições de aprendizagem ótimas para o seu desenvolvimento integral holístico. Com efeito, todo o trabalho de

planificação e realização decorrentes do processo de ensino-aprendizagem foi sempre efetuado a partir das lacunas evidenciadas pelos alunos, com o intuito de lhes proporcionar situações de aprendizagem adequadas ao seu nível de desempenho.

Na extensão sócio afetiva foi promovido o desenvolvimento de atitudes e compromissos perante os objetivos propostos, sendo que nos mostrámos sempre disponível para esclarecer dúvidas e ajudar os discentes. Dialogámos informalmente com os mesmos depois das aulas, valorizando a componente sócio afetivo de integração escolar e detetando possíveis problemas familiares ou sociais. Através do trabalho em equipa, procurou-se incluir os alunos socialmente “rejeitados” pela turma no início do ano letivo.

Ao longo do ano letivo tivemos que estar atentos a várias particularidades da turma lecionada, como por exemplo, o facto de algum aluno poder sentir-se desencorajado ou menos motivado devido a uma separação natural entre os mais capazes e os menos capazes. É inevitável que os alunos se comparem, descobrindo com isso o seu valor relativo. Mas na Educação Física, este desafio entre os alunos, tem de se complementar com uma competição interior de cada aluno, encontrando estímulos e estabelecendo metas de superação individual.

Temos consciência que nos esforçámos por ser professores/educadores preocupado com o desenvolvimento e evolução dos alunos, em todos os níveis, procurando sempre uma postura correta, objetiva e empenhada. Assim, diria que no que concerne à responsabilidade com as aprendizagens dos alunos, demos o melhor de nós ao longo de todo o ano letivo.

4.1.2. Inovação das práticas pedagógicas

Consideramos que a preocupação em inovar é fundamental para a motivação. Neste sentido, ao longo do ano procurámos criar práticas pedagógicas que estes alunos não estavam habituados, contribuindo positivamente no desenvolvimento das suas competências. Para tal tentámos, através de pesquisas bibliográficas e através de formação específica na área da Educação Física e Desporto, manter os conhecimentos científicos e didáticos atualizados.

Na lecionação das aulas procurámos ser o mais inovadores possíveis fazendo com que os alunos manipulassem o máximo de materiais e aparelhos

praticáveis, que pudessem usufruir de todos os espaços físicos da escola e também que tivessem contacto com um leque variado de exercícios físicos novos. Procurámos também que, nas aulas de 90 minutos, fossem abordadas sempre duas matérias, em alguns casos até três, como forma de criar variados estímulos nos alunos e não levar estes à monotonia.

Na parte inicial da aula tentámos realizar aquecimentos lúdicos e que envolvessem algum tipo de competição, por forma a motivar os alunos para o restante tempo de aula. Na parte fundamental da aula foram sempre utilizados diversos estilos de ensino, o que permitiu delegar alguma responsabilidade nos alunos e fazer com que eles sentissem participantes no processo ensino-aprendizagem.

Ao longo do ano letivo, através dos meios que a escola possui, foi possível organizar uma prova de orientação com a turma e também, aquando de algumas aulas da Unidade Didática de Raquetas, lecionada a modalidade de ténis de mesa. Foram duas modalidades abordadas com as quais os alunos não tinham tido qualquer contacto.

Em várias aulas foram utilizados meios gráficos auxiliares, com informação dos conteúdos a abordar e respeitar, facilitando os alunos a consciencializarem-se das componentes críticas a respeitar e o auxílio a prestar.

4.2. Dificuldades sentidas e formas de resolução

Ao iniciar o estágio pedagógico, tínhamos plena consciência que iria ser um ano exigente, muito trabalhoso e que iriam surgir dúvidas ao longo do estágio. Essas dúvidas só foram dissipadas graças à ajuda dos colegas de estágio, do professor Fernando Leite, dos professores do departamento de Educação Física da escola e da contínua pesquisa bibliográfica.

Relativamente à instrução, inicialmente, destacamos alguma dificuldade em realizar um discurso claro e objetivo, sobretudo na parte inicial e final da aula, já que era transmitida demasiada informação e os alunos não conseguiam captar tudo aquilo que era dito. Esta dificuldade foi resolvida em conjunto com o professor Fernando Leite, sendo que as suas sugestões fizeram com que ao longo do ano o discurso fosse mais objetivo e transmitisse apenas o essencial.

O facto de os alunos faltarem às aulas também dificultou, numa fase inicial, a adaptação dos exercícios previstos. Esta dificuldade foi sendo

colmatada ao longo do ano letivo sobretudo com experiência pessoal adquirida. Procurámos, essencialmente, estratégias através de exercícios que funcionavam independentemente do número de alunos presentes.

Motivar alguns alunos também foi uma tarefa que criou algumas dificuldades. Para isso valorizámos e destacámos os seus momentos de sucesso, procurámos estar mais próximo destes alunos, incentivando-os e motivando-os, e com vários diálogos dentro e fora do contexto de aula.

Sentimos, por vezes, dificuldade na elaboração de instrumentos de apoio, tais como Unidades Didáticas e protocolos de avaliação inicial e sumativa. Esta situação foi colmatada através da consulta de outros instrumentos e com o auxílio dos colegas de estágio e orientador.

4.2.1. A importância da formação contínua

Segundo McBride, (1989) “a formação deve ser encarada como um processo permanente, integrado no dia-a-dia dos professores e das escolas e não como uma função que intervém à margem dos projetos profissionais e organizacionais”

Na nossa opinião uma formação contínua engloba em si diversos pontos positivos, como sendo um contínuo evoluir por parte do professor na procura incessante pela perfeição, apesar de sabermos que a perfeição não existe, mas quem a procura está sempre mais perto dela.

Devemos procurar sempre uma informação atualizada sobre as diferentes matérias que estamos a lecionar, pois sabemos que todas as modalidades e as suas regras estão em constante evolução. Devemos procurar informar-nos sobre essas mudanças para que durante o processo ensino-aprendizagem este não contenha erros nem mensagens erróneas, muito menos conteúdos técnico-táticos.

A formação não se constrói somente por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexão crítica sobre as práticas pedagógicas. Neste sentido procurámos estar sempre atualizados e participar ativamente na reflexão conjunta dentro do núcleo de estágio. E como o saber nunca ocupa lugar, também participámos no III Fórum Internacional das Ciências da Educação Física (Anexo IX), no qual procurámos obter ainda mais conhecimento acerca desta área que tanto nos apaixona.

4.3.Importância do trabalho individual e de grupo

O planeamento tem dois níveis de decisão: a decisão do grupo (coletiva) e a decisão de cada professor (individual). Nestas circunstâncias, inserido num determinado contexto, o professor é um profissional que tem de ter espaço de deliberação para poder decidir em relação aos seus alunos, uma vez que é ele o detentor do conhecimento daquela turma e das suas particularidades específicas. Cabe ao professor de forma individual orientar o processo Ensino-Aprendizagem, auxiliando os alunos nas suas dificuldades. Este trabalho individual requer um grande sentido de responsabilidade e uma enorme capacidade de adaptação, que só é possível quando existe gosto pelo trabalho desenvolvido.

Falando agora do núcleo de estágio onde vivenciámos esta experiência, pensamos que o trabalho em grupo é não só importante, como fundamental para a realização de boas práticas de ensino, sobretudo na função de estagiário. Sempre que surgiam dúvidas, era através da comunicação com os colegas de estágio e com o orientador que estas se dissipavam e até surgiam verdadeiras práticas inovadoras que nos faziam sentir orgulhosos e com vontade de trabalhar mais vezes em grupo. O fazer o “mesmo numa turma e noutra”, não fez qualquer sentido no ano letivo, uma vez que existem várias diferenças no contexto específico de cada turma. Assim o trabalho de grupo não pode ser confundido com a criação de algo fixo, fechado, mas sim, encarado com mais uma possibilidade de ajustamento e de adequação às características de cada turma.

5. APROFUNDAMENTO DO TEMA

“Estratégias para o controlo do clima de aula”

5.1.Introdução

No âmbito da unidade curricular Relatório de Estágio, inserida no Mestrado em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, da Universidade de Coimbra, foi proposta a escolha de um tema para aprofundamento do mesmo no enquadramento dos domínios de intervenção da Educação Física escolar. A nossa escolha recai sobre o tema “Estratégias para o controlo do clima de aula”.

Ao longo do tempo tem surgido inúmeras modificações no ensino que se traduzem em mudanças no contexto social do mesmo. Hoje em dia com a massificação do ensino é possível encontrar turmas bastante heterogéneas na sua composição e com todas as dificuldades que isso acarreta. A juntar a esse facto, o número elevado de alunos que compõem cada turma fazem com que exista um aumento da escala dos problemas disciplinares da escola. Cabe então ao professor conseguir encontrar estratégias que possam potenciar o clima de aula “perfeito” e que evite esse tipo de problemas disciplinares.

A presente investigação qualitativa utiliza predominantemente, como estratégia de recolha de dados, a observação participada. Isto é um estudo reflexivo sobre própria turma pelo que se distingue dos estudos de caso, dos estudos descritivos, da observação naturalista, etc., pois dá ênfase à descrição e interpretação do comportamento cultural de um grupo.

O nosso objetivo é que através do aprofundamento deste tema possamos progredir e favorecer a aprendizagem dos alunos.

5.2.Escolha do tema e a sua relevância

A nossa escolha sobre o tema “Estratégias para o controlo do clima de aula”, adveio do facto de a turma a que lecionamos Educação Física ter constantemente comportamentos inapropriados na sua maioria, fora de tarefa que destabilizam a aula. Esta destabilização leva a dificuldades na leção devido ao número de interrupções que o professor é obrigado a fazer para

corrigir os alunos e traduz-se, conseqüentemente, em menos tempo de aprendizagem.

Ao longo do 1º Período presenciámos inúmeros comportamentos inadequados pelo que tivemos que atuar de forma a puni-los, algumas vezes até de forma extrema colocando o aluno fora da aula. Estes comportamentos prejudicam o desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem e prejudicam a conduta enquanto professor, uma vez que o controlo da turma é fundamental para o sucesso do docente enquanto transmissor de conhecimento.

Decidimos então trabalhar na prevenção e, em vez de procurar novas formas de punição, procurámos ir ao encontro dos gostos da turma e fomentar o melhor clima de aula possível de modo a que os alunos sentissem a menor necessidade de ter comportamentos inadequados e que perturbassem o bom funcionamento da aula. Outro dos motivos pelo qual abordámos este tema, foi o facto de aquando da autoavaliação do 1º período, os alunos demonstraram alguma desmotivação face à dinâmica das aulas até ao momento.

Desta forma iremos aprofundar o tema “Estratégias para o controlo do clima de aula”.

Por estes motivos, pensamos que este tema seja pertinente e que tenha relevância, tanto para a nossa evolução enquanto docentes, como para os alunos, através da melhoria das condições de aprendizagem.

5.3. Enquadramento teórico

Siedentop (1998) refere “um sistema de organização eficaz e boas estratégias disciplinares criam uma atmosfera na qual é mais fácil aprender”. Ainda para o mesmo autor (1983) os comportamentos de indisciplina podem ser classificados mediante a sua gravidade, isto é, dentro dos comportamentos inapropriados que ocorrem durante a aula, existem diferenças. As duas distinções que constituem o comportamento de indisciplina são: os comportamentos fora da tarefa e os comportamentos desviantes. Por comportamentos fora da tarefa, entendemos, comportamentos de pouca gravidade, como o incumprimento, por parte dos alunos, das normas ou regras estabelecidas, sendo que este incumprimento não perturba o normal fluxo das aulas. Por sua vez, comportamentos desviantes são comportamentos que afetam significativamente aquele fluxo, sendo por isso de maior gravidade, e que

se traduzem na violação de regras socialmente aceites ou de normas ou regras específicas da escola ou da aula.

Por outro lado, Silva (2001) resume então o comportamento apropriado, segundo os vários autores como “o comportamento do aluno que vai ao encontro dos objetivos de ensino, definidos para determinada situação pelo professor”.

De acordo com Brito (1986, cit. in Pereira 2006), “uma importante estratégia de prevenir o aparecimento de comportamentos inapropriados é tornar as aulas e tarefas mais agradáveis, recorrendo à diversificação, ao movimento, prazer, proporcionando uma atitude ativa (...)”, ou seja, é importante manter um clima de aula agradável, motivando os alunos, uma vez que essa motivação influencia o seu comportamento assim como os ganhos de aprendizagem (Lee e Solmon, 1990, cit. in Pereira 2006).

Neste sentido o clima de aula influencia diretamente a atitude dos alunos na mesma, defendendo Siedentop (1983) que “Mais que intervir sobre o comportamento inapropriado, é preciso desenvolver os tipos de comportamento adequado e prevenir os distúrbios”. Também Mendes (1995, cit. In Silva, 2001) “defende que os professores mais eficazes procuram evitar o comportamento de indisciplina criando ordem a partir das atividades, antecipando o potencial mau comportamento...”.

Concluindo, segundo Siedentop (1998), “Não há dúvida que um sistema de organização eficaz e boas estratégias disciplinares criam uma atmosfera na qual é mais fácil aprender”.

5.4.Problema

A contínua destabilização da turma e do ritmo de aula provocado pelos comportamentos e episódios de indisciplina observados tem como consequência um menor sucesso nas aprendizagens dos alunos e um menor tempo de prática dos mesmos. De forma a prevenir esses mesmos episódios e minimizar estes comportamentos iremos focar-nos no controlo do clima da aula. Como cabe ao professor realizar uma adaptação ao contexto, e como cada contexto tem as suas especificidades, a questão deste central deste problema é: Quais as estratégias de controlo do clima de aula que favorecem as aprendizagens da turma C do 8º ano, da Escola Básica Castro Matoso?

5.5. Objetivos

Com a elaboração deste estudo, pretende-se:

- Conhecer estratégias eficazes de controlo do clima de aula através da pesquisa bibliográfica;
- Identificar os tipos de comportamentos desviantes dos alunos desta turma, e os principais focos de destabilização;
- Identificar os gostos dos alunos e procurar ir ao seu encontro;
- Elaborar um conjunto de estratégias para o controlo do clima de acordo com o contexto da turma;
- Avaliar a eficácia das estratégias desenvolvidas.

5.6. Metodologia

Como referido anteriormente, o tema de abordado é um estudo reflexivo sobre a nossa turma em específico, pelo que a metodologia utilizada será de uma investigação etnográfica educacional.

A metodologia de recolha de dados recaiu principalmente na observação participada, uma vez que a nossa participação enquanto professor será fundamental para a recolha de dados e para a análise dos resultados. Foram também utilizados outros tipos de instrumentos para a recolha de dados como, grelhas de observação de aula (Anexo X) e Questionário de Satisfação (Anexo XI). De forma a dar consistência à validade (interna) das conclusões obtidas, conferindo-lhes credibilidade e robustez científica, será realizado uma triangulação de todos estes dados provenientes dos diferentes tipos de instrumentos.

Numa fase inicial, foi então consultada a bibliografia necessária de forma ao professor conseguir ter no seu reportório toda a informação acerca do controlo do clima de aula, bem como um leque de estratégias ao seu dispor para serem aplicadas.

Depois da pesquisa da literatura adequada foi importante realizar a caracterização da amostra. Esta é constituída pelo professor estagiário de Educação Física da turma do 8º C da Escola EB 2/3 Castro Matoso, Oliveirinha e pela própria turma, constituída por vinte e cinco alunos (8 indivíduos de sexo masculino e 17 do sexo feminino).

Caraterísticas da amostra (turma) a ter em conta na elaboração das estratégias para o controlo do clima de aula:

- Meio sociocultural da escola relativamente baixo; (Caraterização do meio – Plano Anual)
- Turma com comportamentos inadequados na maioria das disciplinas; (Reuniões Conselho Turma)
- A turma em geral é barulhenta e com níveis de concentração bastante baixos; (Observação direta e Reuniões Conselho Turma)
- Escola possui nível elevado de condições materiais e espaciais; (Caraterização da escola – Plano Anual)
- O principal foco de destabilização reside em 4 alunos todos do sexo masculino; (Observação direta)
- A turma tem um nível bastante elevado para a prática desportiva (19 alunos praticam desporto de forma regular); (Observação direta e Caraterização da turma – Plano Anual)
- A turma é bastante competitiva na prática das modalidades; (Observação direta)
- Os principais motivos encontrados para o fraco clima de aula são a desmotivação dos alunos face à dinâmica das aulas; (Observação direta, autoavaliação 1º período)

Depois de consultada a literatura e de identificados todos os aspetos relacionados com a atitude dos alunos e as suas caraterísticas, o passo seguinte foi definir um conjunto de estratégias que, do nosso ponto de vista, poderiam contribuir para um clima de aula favorável à aprendizagem e que evitassem /diminuíssem o número comportamentos de indisciplina.

Estratégias aplicadas

<ul style="list-style-type: none"> ▪ As aulas de Noventa minutos tiveram sempre o formato de multimatérias;
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Variar tanto quanto possível as modalidades praticadas nas aulas; (Modificar Plano Anual - intercalar as Unidades Didáticas restantes de forma a que as mesmas modalidades não se repitam de forma sistemática);
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Definir objetivos e enfatizá-los ao longo da aula;

<ul style="list-style-type: none"> ▪ Ser mais enérgico e percorrer o espaço de aula de forma mais rápida;
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Promover exercícios em que exista o fator competitividade;
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Trabalhar com grupos de nível e atribuir objetivos ambiciosos aos diferentes níveis;
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Separar em diferentes grupos os alunos que compõem o foco de destabilização da turma;

Posteriormente, foram definidas dez aulas de quarenta e cinco minutos para realizar esta investigação: cinco aulas em que não foram aplicadas as estratégias definidas para o controlo do clima, e cinco onde essas estratégias já haviam sido aplicadas.

Neste conjunto de aulas para além da observação direta e participada, foi também observado o número de comportamentos de indisciplina que ocorreram em ambos os conjuntos de aulas. Para o controlo do número de comportamentos na situação inicial e na situação final foi utilizado o mesmo instrumento (grelhas de observação).

Para estas observações foi necessário elaborar um instrumento onde fosse possível registar os comportamentos indisciplinados observados durante as aulas. Para tal foi construída uma tabela de registo de comportamentos de indisciplina, onde foram anotados tanto os comportamentos fora da tarefa, como os de desvio, sendo preenchida pelos observadores (Núcleo de Estágio) nas aulas definidas para o estudo. Neste caso, a indisciplina e os seus episódios serviram como “medidor” do clima de aula, antes e depois das estratégias aplicadas. Apesar de existirem fatores de diversas naturezas que possam influenciar o clima de aula, ao contabilizar os episódios de indisciplina, é possível traçar um “quadro” do panorama geral da turma e do seu clima de aula, uma vez que a indisciplina e a sua dimensão está intimamente interligada à dimensão do clima.

No final do estudo foi entregue um questionário que pretendia avaliar a satisfação dos alunos em relação às estratégias implementadas nas aulas de Educação Física pelo professor. Este questionário permitiria ter um feedback de como estas estratégias foram “aceites” no seio da turma.

Importa ainda referir que em relação aos aspetos éticos, neste estudo não existem danos para os sujeitos, pois os mesmos tiveram liberdade para escolher participar ou não na investigação e, relativamente à privacidade, foi assegurada a confidencialidade e anonimato dos participantes.

5.7.Cronograma das atividades

Mês	Tarefa
Dezembro	<ul style="list-style-type: none"> ○ Escolha Tema – Definição do problema; ○ Consulta da revisão bibliográfica; ○ Consulta da caracterização da turma e do meio; ○ Definição da metodologia;
Janeiro	<ul style="list-style-type: none"> ○ Seleção das estratégias a adotar; ○ Construção das grelhas de observação das aulas; ○ Construção dos questionários; ○ Observação das aulas (recolha de dados pré-teste);
Fevereiro	<ul style="list-style-type: none"> ○ Observação das aulas (recolha de dados pré-teste); ○ Observação das aulas (recolha de dados pós-teste);
Março	<ul style="list-style-type: none"> ○ Observação das aulas (recolha de dados pós-teste);
Abril	<ul style="list-style-type: none"> ○ Realização dos questionários de satisfação aos alunos; ○ Análise e interpretação dos dados recolhidos;
Maio	<ul style="list-style-type: none"> ○ Entrega do tema/problema.

5.8.Análise e discussão dos resultados

Seguidamente são apresentados os dados recolhidos e analisados os resultados da observação participada, dos registos das grelhas de observação do comportamento de indisciplina e o nível de satisfação dos alunos presente no

questionário facultado aos mesmos. Esta triangulação de dados permitirá retirar conclusões deste estudo.

Observação participada

Na nossa análise sentimos que, após a implementação das estratégias para o controlo do clima da aula, o comportamento dos alunos melhorou substancialmente. Embora outros fatores possam ter influência, como a habituação às rotinas, que promovem um maior tempo de prática; o facto das matérias lecionadas no 1º período não serem do gosto dos alunos, principalmente a modalidade de Voleibol; o facto de no 2º período serem mais do seu agrado; a experiência do professor que foi evoluindo naturalmente e que mais facilmente controla a turma; entre muitos outros fatores, pensamos que a turma beneficiou de uma abordagem mais competitiva e de uma dinâmica de aula mais focada em objetivos e sempre com ritmo elevado.

As aulas multimatérias foram uma estratégia de sucesso, na qual os alunos se sentiram motivados, pois a prática da mesma modalidade durante noventa minutos desanimava-os. Observamos que, nas aulas em que foram combinadas duas ou mais matérias, o interesse e o empenho dos alunos foi claramente superior às aulas em que foi lecionada apenas uma matéria.

A estratégia de criação de grupos de níveis com metas ambiciosas para a performance dos alunos, fez com que os alunos estivessem mais aplicados nas tarefas devido ao seu forte espírito competitivo. Foi perceptível que a atitude do professor perante a aula era um fator decisivo para o clima da mesma e, ao conseguirmos ser mais energéticos e mais ativos, observámos que contagiávamos os alunos e promovíamos nestes o mesmo espírito perante a aula.

Grelhas de registo dos comportamentos de indisciplina

Durante as observações realizadas, foram registados todos os comportamentos inapropriados, sendo especificado se eram comportamentos fora da tarefa ou de desvio. Ocorreram ambos os tipos de comportamento mas com clara predominância dos comportamentos fora da tarefa em todas as aulas observadas.

De seguida é possível visualizar os gráficos que retratam o número de comportamentos de indisciplina, registados pelos observadores (Núcleo de Estágio) nas grelhas de observação, nas cinco aulas antes de aplicar as estratégias e nas cinco aulas com as estratégias já implementadas.

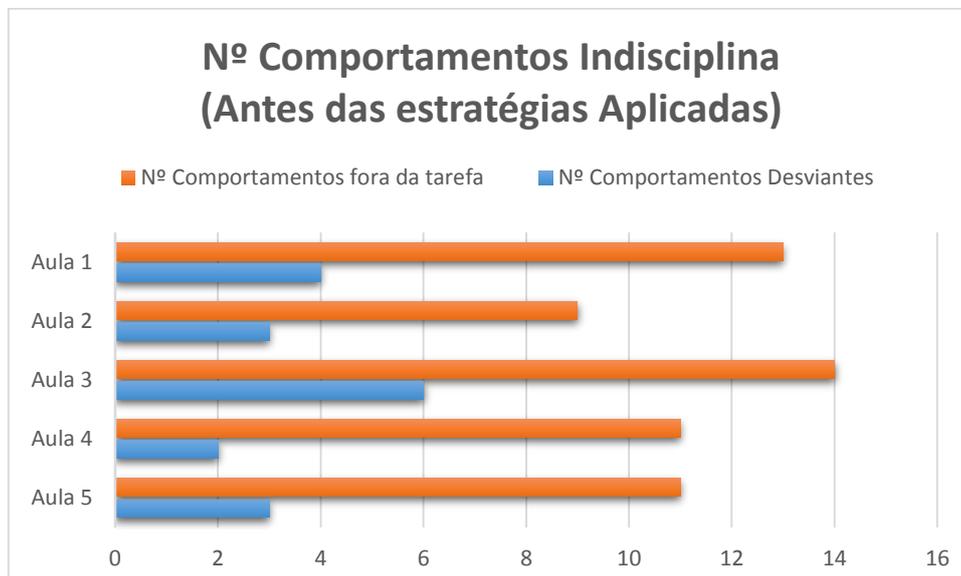


Gráfico 1 – Comportamentos de indisciplina observados, antes da aplicação das estratégias

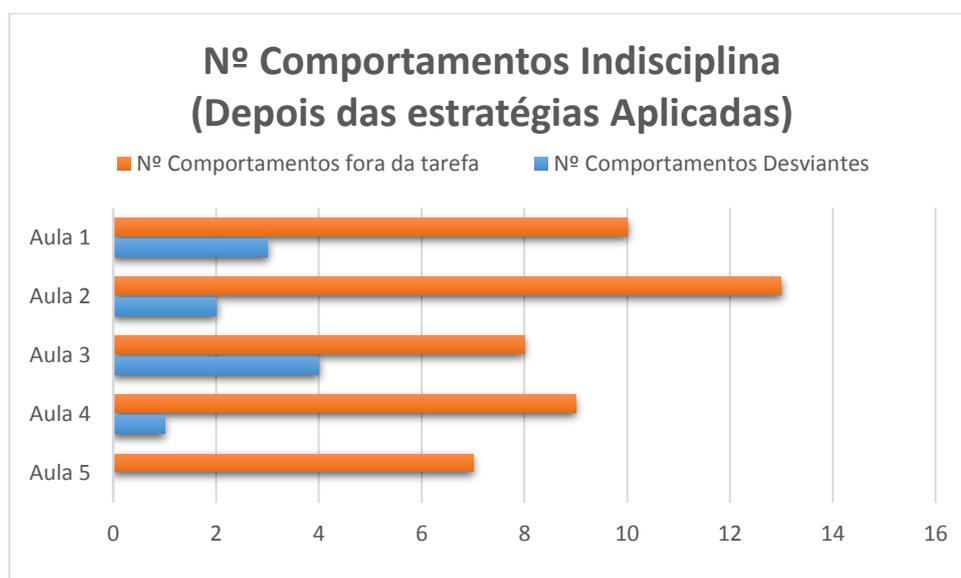


Gráfico 2 – Comportamentos de indisciplina observados, depois de aplicadas as estratégias.

É possível verificar que, aquando da observação das aulas pelos professores do Núcleo de Estágio antes de serem implementadas as estratégias de controlo do clima de aula, os comportamentos de indisciplina são ligeiramente superiores. Embora não seja uma diferença significativa é possível denotar que

em termos médios existe uma quebra no número de comportamentos inadequados, tanto de desvio como fora da tarefa.

Opinião dos alunos sobre o tipo de aulas

Como referido anteriormente, procurámos também avaliar a satisfação dos alunos face aos tipos de aulas que foram lecionadas ao longo do ano letivo. Com este questionário procurámos obter um feedback relativo a algumas estratégias implementadas que se prendem com a organização do ano letivo. De seguida, é possível verificar através do gráfico o nível de satisfação dos alunos no fim do estudo e depois de aplicadas as estratégias referenciadas.

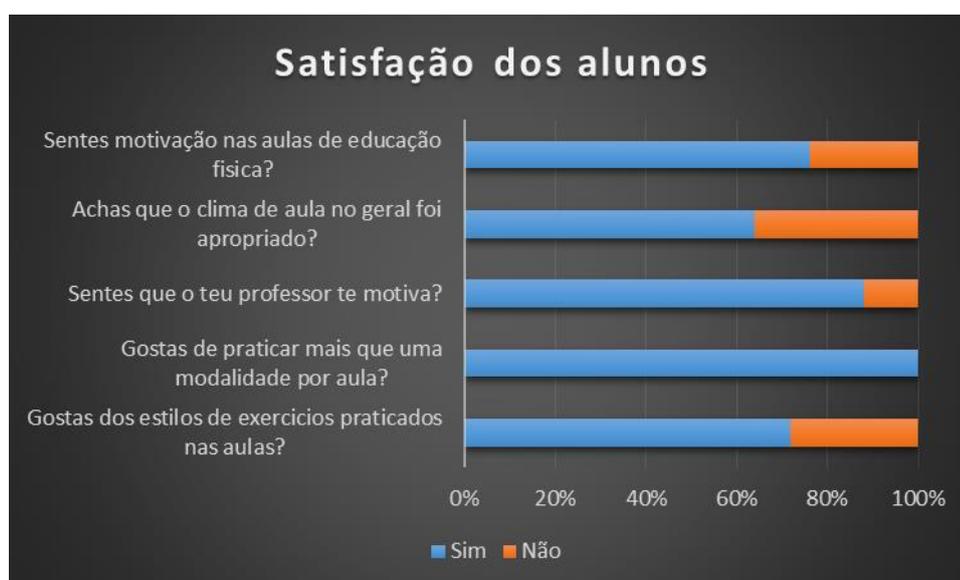


Gráfico 3 – Satisfação dos alunos fase às aulas de educação física

Através do gráfico é possível observar que a turma, de maneira geral, se encontra satisfeita com a dinâmica na aula de Educação Física. De realçar que todos os alunos afirmaram que gostam das aulas em formato multimatéria, sendo esta uma das estratégias definidas. Embora não tenha existido um questionário aos alunos antes da aplicação das estratégias, é possível afirmar que existiu uma evolução no nível de satisfação da turma, uma vez que, aquando da autoavaliação do 1º período estes demonstrarão desmotivação face às aulas.

5.9. Conclusão do aprofundamento do tema/problema

Este estudo tinha como objetivo favorecer a aprendizagem dos alunos e também a nossa evolução enquanto docentes, de forma a aumentar e diversificar o nosso repertório de estratégias que favorecem o controlo do clima de aula.

Este tema surgiu da necessidade de suprimir dificuldades detetadas ao longo do 1º Período, que se pretendiam com a desmotivação dos alunos face à dinâmica das aulas e também devido ao elevado número de episódios de comportamentos inapropriados detetados.

Num primeiro momento, efetuámos uma pesquisa bibliográfica sobre o tema, de seguida procurámos identificar os principais motivos da indisciplina da turma, os principais focos de destabilização da mesma e também os motivos que levam à desmotivação dos alunos. Posteriormente, procurámos consultar os documentos caracterizadores da amostra e perceber quais os seus gostos e interesses. O grande desafio prendeu-se com a interligação destes vários fatores para a criação de estratégias que pudessem promover um clima de aula de melhor qualidade e que potenciasses a aprendizagem dos alunos. O objetivo de elaborar estratégias eficazes no controlo da disciplina para o contexto específico da turma foi o primeiro a ser cumprido e foi fundamental para o bom desenvolvimento deste estudo.

Por último, interessava saber se as estratégias definidas promoviam de facto um melhor clima de aula. Neste sentido para além da nossa observação participada enquanto docente da turma, utilizámos o número de comportamentos de indisciplina como “medidor” do clima de aula, uma vez que os dois domínios estão sempre interligados. Este processo foi realizado através de grelhas de observação de aula. No final do estudo, auscultámos a opinião dos alunos através da aplicação de um questionário que media o seu grau de satisfação relativamente a algumas estratégias implementadas e aplicámos um questionário onde estes demonstravam a sua opinião em relação a algumas estratégias aplicadas.

Através da análise de todos estes instrumentos é possível verificar que o clima de aula melhorou substancialmente e que os alunos demonstram satisfação com a dinâmica das aulas de Educação Física.

Algumas limitações que reconheço neste estudo são:

- O facto de este estudo ter um carácter particular a um determinado contexto, a uma determinada turma e à especificidade dos alunos que a

compõem, não se torna viável a sua aplicabilidade a outro tipo de turma nem a sua generalização no contexto escolar;

- Relativamente à recolha de dados através deste inquérito por questionário, segundo Foddy (1996), uma das críticas mais comuns a estes, é o facto de utilizarem um conjunto de respostas antecedentes, que os inquiridos terão que optar, condiciona as respostas dos mesmos.

Em jeito de conclusão, pensamos que o estudo em questão atingiu os objetivos propostos. Entendemos agora que com a adaptação à turma e a cada aluno em específico das estratégias de controlo do clima de aula a melhoria no processo de ensino-aprendizagem é muito significativa. Por isto, é fundamental que qualquer professor identifique precocemente quais as estratégias que melhor funcionam na sua turma e, com determinados alunos, de forma a controlar o clima de aula desde o início do ano letivo e, conseqüentemente, contribuir para o sucesso da aprendizagem dos alunos

6. CONCLUSÃO

Chegado o culminar de um percurso tão extenso e prazeroso é com alguma dificuldade que escrevemos toda a experiência vivida, na medida em que é impossível traduzir para este relatório tudo o que de tão enriquecedor se passou ao longo do Estágio Pedagógico. Temos a perfeita noção que, durante este ano, aprendemos muito mais do que aquilo que ensinámos. Em jeito de conclusão, é importante analisar as mudanças ocorridas no professor estagiário, e iremos fazê-lo, abordando o impacto das mesmas na vida pessoal e profissional.

O Estágio Pedagógico foi uma experiência que nos permitiu evoluir muito como professor e profissional da educação. Essa evolução e aprendizagem não seriam possíveis sem a transmissão diária de conhecimentos e experiências por parte do professor orientador, Fernando Leite, os conselhos e críticas construtivas dos colegas estagiários, o acompanhamento atento e importantíssimo do orientador da faculdade, Professora Doutora Elsa Silva e também as opiniões e sugestões dos professores do grupo de Educação Física.

Tínhamos definido como objetivos no Plano de Formação Individual, de uma forma genérica, evoluir enquanto professor nos três grandes grupos de competências, tais como, o planeamento, as competências de realização e as competências de avaliação, bem como, sentirmo-nos parte integrante de um processo de formação na escola enquanto professor de Educação Física e transmissor de atitudes ético-profissionais que são fulcrais para o processo de maturação dos alunos.

Refletindo sobre as dificuldades pensamos que as fragilidades referidas no PFI foram ultrapassadas por completo, através da experiência, da aplicação de estratégias pesquisadas e sugeridas tanto pelos colegas de estágio, como pelos orientadores. Este processo não se esgota na lecionação das aulas e na sua envolvência, mas também comporta todas as atividades extra-aulas que digam respeito ao cargo.

Neste processo tivemos em conta que o aluno é o elemento central do processo ensino-aprendizagem e não devemos descuidar as suas características

heterogéneas. Para tal devem ser utilizadas estratégias pedagógicas diferenciadas que vão de encontro aos objetivos individuais e tendo particular atenção à deteção de alunos com necessidades educativas especiais.

Ao longo da prática educativa o professor deverá estar em constante formação e auto atualização. Como tal, consideramos fundamental o investimento na formação contínua, um processo formativo que jamais estará concluído, pois procuraremos incessantemente “reciclar” os nossos conhecimentos e adquirir novos conhecimentos que irão melhorar o ensino aos alunos.

Em suma, ao chegar ao fim desta experiência ímpar na nossa vida conseguimos olhar para trás e perceber que somos hoje pessoas muito mais ricas em termos pessoais e profissionais, e que todo o esforço realizado valeu realmente a pena.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Amado, J. (2000). *A construção da disciplina na escola*. Suportes teórico-práticos. Porto: ASA.
- Bento, J. O. (1998). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Livros Horizonte.
- Bento, J. (2003). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Lisboa: Coleção Horizonte de Cultura Física.
- Bloom, B. Hastings, I. and Madaus, G. (1971). *Handbook on the Formative and Summative Evaluation of Learning*.
- Bossle, F. (2002). *Planeamento de ensino na Educação Física – Uma contribuição ao coletivo docente*. Movimento, 8 (1).
- Brito, M. (1986). *Identificação dos Episódios de Indisciplina em Aulas de Educação Física no Ensino Preparatório: Análise do Comportamento de Professores e Alunos*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: ISEF-UTL.
- Capul, M. & Lemay, M. (2003). *Da Educação à Intervenção Social*, 1ºVolume. Porto: Portugal
- Cardinet, J. (1986). *Linhas de desenvolvimento dos trabalhos actuais sobre a avaliação formativa*. In: Allal, L; Cardinet, J; Perrenoud, O. A avaliação formativa num ensino diferenciado. Coimbra: Livraria Almedina.
- Cunha, A. C. (2008). *Ser Professor - Basas de uma Sistematização Teórica*. Braga: Casa do Professor
- Foddy, M. (1996). *Como Perguntar: Teoria e Prática da Construção de Perguntas em Entrevistas e Inquéritos*. Oeiras: Celta Editora.
- Freire, P. (1996), *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Godinho. M; Mendes, R; Barreiros, J. (s.d) *Informação de retorno e aprendizagem*. Horizonte. Lisboa: livros horizonte

Graça, A. (2009). *A docência como profissão*. Porto: Universidade do Porto – Faculdade de Desporto. Aula da disciplina Tópicos da Educação Física e Desporto I.

Haydt, R. (2002). *Avaliação do processo ensino-aprendizagem*. São Paulo: Ática.

Marques, A. (2004). O ensino das atividades físicas e desportivas - fatores determinantes de eficácia. *Revista Horizonte*. Vol. XIX – n.º 111.

Maslow, A. *The Farther Reaches of Human Nature*. New York: The Viking Press, 1991

Mendes, F. (1995). *Os comportamentos de indisciplina dos alunos em função do tipo de objetivos e da matéria de ensino*. Horizonte.

Pereira, T. (2006). *Percepções e crenças dos professores estagiários em relação aos comportamentos de indisciplina na aula de Educação Física*. Porto: Faculdade de Desporto – Universidade do Porto.

Perrenoud, P. (1999). *Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens, entre duas lógicas*. Porto Alegre: Artmed.

Perrenoud, P. (2001). *Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza*. Porto Alegre: Artmed Editora

Pierón, M. (1996). *Formação de Professores. Aquisição de técnicas de ensino e supervisão pedagógica*. Lisboa: Edições FMH.

Schmidt, R. (1991). *Motor learning & performance: from principles to practise*. Champaign, Human Kinetics.

Scriven, M. S. *The methodology of evaluation. Perspectives of curriculum evaluation*. Chicago: Rand McNally, 1967.

Siedentop, D. (1983). *Development teaching skills in Physical Education*, 2nd edition. Palo Alto: Mayfield Publishing Company.

Siedentop, D. (1998). *Aprender a ensinar la educación física*. Barcelona: INDE.

Silva, P. (2001). Monografia: *A percepção dos comportamentos inapropriados na aula de educação física: estudo comparativo entre professores estagiários e professores com mais de sete anos de serviço*. Coimbra: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física – Universidade de Coimbra.

Ribeiro, L. (1999). *Avaliação da aprendizagem*.

Zeichner, K. (1993). *A formação reflexiva de professores: Ideias e práticas*. Lisboa: Educa.

Legislação:

- Ministério da Educação: Despacho Normativo nº6/2010. Diário da República, 2.ª série - N.º 35 - 19 de Fevereiro de 2010.

Outros documentos:

- Guia de Estágio 2013/2014, da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra.
- Projeto Educativo do Agrupamento Escolas Oliveirinha, 2013 - 2017

8.ANEXOS

Anexo I – Exemplo do calendário do plano anual previsto para o 1º Período.

1º Período	Semana	Terça-Feira (15:10 - 15:55) Aula de 45 Minutos	Aula	Quinta - Feira (10:45- 12:15) Aula de 90 Minutos	Aula
	17 Set – 19 Set	Espaço 2 - Ginásio Apresentação	1	Espaço 1 - Pavilhão Voleibol/Badminton	2 e 3
	24 Set – 26 Set	Espaço 3 - Exterior Andebol	4	Espaço 2 - Ginásio Ginástica de Solo/ Aparelhos	5 e 6
	1 Out – 3 Out	Espaço 3 - Exterior Atletismo	7	Espaço 1 - Pavilhão Fitnessgram	8 e 9
	8 Out – 10 Out	Espaço 1 - Pavilhão Voleibol	10	Espaço 3 - Exterior Atletismo	11 e 12
	15 Out – 17 Out	Espaço 2 - Ginásio Atletismo	13	Espaço 3 - Exterior Atletismo	14 e 15
	22 Out - 24 Out	Espaço 1 - Pavilhão Voleibol	16	Espaço 1 - Pavilhão Voleibol	17 e 18
	29 Out – 31 Out	Espaço 3 - Exterior Atletismo	19	Espaço 3 - Exterior Atletismo	20 e 21
	5 Nov – 7 Nov	Espaço 3 - Exterior Atletismo	22	Espaço 3 - Exterior Atletismo	23 e 24
	12 Nov – 14 Nov	Espaço 1 - Pavilhão Voleibol	25	Espaço 1 - Pavilhão Voleibol	26 e 27
	19 Nov – 21 Nov	Espaço 3 - Exterior Atletismo	28	Espaço 3 Atletismo	29 e 30
	26 Nov – 28 Nov	Espaço 3 - Exterior Atletismo	31	Espaço 2 - Ginásio Atletismo	32 e 33
	3 Dez – 5 Dez	Espaço 1 - Pavilhão Voleibol	34	Espaço 1 - Pavilhão Voleibol	35 e 36
	10 Dez – 12 Dez	Espaço 2 - Ginásio Atletismo/Voleibol	37	Espaço 3 - Exterior Andebol	38 e 39

Anexo II - Exemplo de quadro de extensão e sequenciação de conteúdos (Voleibol).

UNIDADE DIDÁTICA DE VOLEIBOL											
Extensão e seqüência de conteúdos											
Data 		19/09	08/10	22/10	24/10	12/11	14/11	19/11	03/12	05/12	10/12
Aula 		1	2	3	4	5	6 e 7	8	9	10 e 11	12
Conteúdos 											
Elementos Técnicos	Passé de Frente	AD	I	E	E	E	AF	C	C	AS	AT
	Manchete	AD				I	AF	E	C	AS	AT
	Serviço por Baixo	AD	I	E	E	E	AF	C	C	AS	AT
	Posição Base	AD	I	E	C	C	AF	C	C	AS	AT
	Deslocamentos	AD	I	E	C	C	AF	C	C	AS	AT
Situação de Jogo	1x1	AD	I	E	E	C	C	C	C	AS	
	2x2	AD		I	E	E	C	C	C	AS	
	3x3					I	E	E	E	AS	
	4x4						I	E	E	AS	
Regras		AD		I	I	E	AF	E	C	C	AT

Anexo III - Exemplo de plano de aula.

Plano de Aula											
Ano/Turma:		Aula Nº:		Data:		Hora:		Duração:		Espaço Nº:	
Período:		Unidade Didática:		Aula da UD:		Nº Alunos Previstos:		Função Didática:			
Professor Estagiário:				Observações:							
Objetivos da Aula:											
Recursos Materiais:											
Tempo		Tarefa	Condições de realização/Estratégias de organização	Objetivos Comportamentais	Critérios de Êxito	Estilos de Ensino					
Parcial	Total										
Parte Inicial											
Parte Fundamental											
Parte Final											

Justificação do plano de aula:

Anexo IV - Critérios de avaliação

AVALIAÇÃO - EDUCAÇÃO FÍSICA 2º e 3º Ciclos

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO, PARÂMETROS, PONDERAÇÕES E NÍVEIS DE DESEMPENHO

Critérios de Avaliação		Parâmetros	Ponderações		Níveis de Desempenho		
Competências Específicas	Competências de acção	Desempenho técnico e/ou prestação motora Aptidão Física	55%		70%	Nível Introdução, Elementar e Avançado previstos no Programa Nacional Curricular Zona Saudável de Aptidão Física – Aplicação de Protocolo	
	Competências de conhecimento	Conhecimentos teóricos Compreensão e expre. Escrita expr oral utiliz tic	15%				
Competências Transversais	Responsabilidade	Responsabilidade <ul style="list-style-type: none"> • Assiduidade e pontualidade* • Higiene e segurança** • Material*** 	4%	10%	30%	Exposto e desenvolvido no Dossier de Departamento – Grupo Disciplinar de Educação Física	
	Comportamento	Respeito, Cooperação e Tolerância	10%				
	Empenho e Interesse	Participação / Empenho	10%				

NOTA: Alunos abrangidos por Atestado Médico: serão avaliados nas seguintes competências:

Competências do Conhecimento - 70% Competências Transversais - 30%

*	de 100% - Nível 5
**	de 99% a 95 % - Nível 4
***	de 94% a 90% - Nível 3
	de 89% a 85% - Nível 2
	Inferior a 84% - Nível 1

Anexo V - Exemplo de grelha de avaliação diagnóstica (Voleibol)

N.º	Nome	Deslocamentos			Serviço por baixo			Passe de Frente			Manchete			Componentes críticas		
		NE	E	EB	NE	E	EB	NE	E	EB	NE	E	EB	NE – Não Executa	E - Executa	EB – Executa Bem
														<input type="checkbox"/> Serviço por baixo: - Acentuada flexão do tronco e pé contrário à mão livre adiantado; a bola deve estar colocada no prolongamento do braço livre; a zona de contacto com a bola é a palma da mão (mão rígida e dedos fechados); após o batimento na bola, o peso do corpo deve ser deslocado para o apoio mais adiantado e olhar dirigido para a zona alvo.		
														<input type="checkbox"/> Manchete: Um pé ligeiramente avançado em relação ao outro; MS em extensão e com altura inferior à da cintura pélvica; “mãos dadas” (em supinação), uma por cima da outra; a zona de contacto com a bola é a superfície formada pelos dois antebraços.		
														<input type="checkbox"/> Passe de Frente: Um pé ligeiramente avançado e M.I. afastados à largura dos ombros; corpo colocado debaixo da bola com os MI ligeiramente fletidos; MS em extensão; mãos em forma de concha (dedos afastados e polegares orientados para o rosto); o passe é feito acima e à frente da cabeça		
														<input type="checkbox"/> Deslocamentos: Pés à largura dos ombros; M.I. ligeiramente fletidos; Tronco inclinado à frente e em extensão; Deslocamentos rasteiros; Curtos e velozes e sem rodeios desnecessários; Realizados com o maior equilíbrio possível		

Anexo VI - Exemplo de grelha de avaliação diagnóstica formativa
(Ginástica Solo)

Nº	Nome	Observação:
		Aluna com muitas dificuldades na matéria; apresenta bom comportamento e empenho;
		Aluna com elevada técnica na modalidade consegue realizar todos os elementos sem dificuldades; aluna aplicada e com bom comportamento;
		Aluno pouco interessado e com bastantes dificuldades ao nível de todos os elementos técnicos;
		Aluna com dificuldades na maioria dos elementos, não apresenta muito interesse nem empenho;
		Aluna com dificuldades no apoio facial invertido, apresenta uma evolução ao nível do interesse e participação na aula;
		Aluna empenhada e com interesse, apresenta dificuldades na roda e executa com facilidade os rolamentos e o apoio facial invertido;
		Aluna empenhada e com interesse, apresenta dificuldades no apoio facial invertido;
		Aluno pouco motivado embora tenha bastante aptidão na modalidade, consegue realizar todos os elementos com facilidade, apenas apresenta dificuldade no apoio facial invertido;
		Aluna empenhada e com interesse, apresenta alguma facilidade nos elementos;
		Aluna com dificuldades na maioria dos elementos, não apresenta muito interesse nem empenho;
		Aluna com um nível de empenho razoável e com facilidade na modalidade;
		Aluna esforçada e empenhada embora com bastantes dificuldades em todos os gestos técnicos da modalidade;
		Aluno pouco motivado embora tenha bastante aptidão na modalidade, consegue realizar todos os elementos com facilidade;
		Aluno com dificuldades na modalidade, apresenta empenho e interesse, embora seja conflituoso com os colegas;
		Aluno pouco motivado embora tenha bastante aptidão na modalidade, consegue realizar todos os elementos à exceção do rolamento à retaguarda;
		Aluna bastante empenhada e motivada, consegue executar com bastante facilidade os diferentes elementos;
		Aluna bastante empenhada e motivada, consegue executar com bastante facilidade e com correção os diferentes elementos; a aluna melhorou nos níveis de concentração e comportamento;
		Aluna com elevada técnica na modalidade consegue realizar todos os elementos sem dificuldades; aluna aplicada e com bom comportamento;
		Aluna esforçada, consegue realizar com alguma facilidade os elementos abordados;
		Aluna irrequieta e com comportamento oscilante; apresenta dificuldades na maioria dos elementos;
		Aluna bastante empenhada e motivada, consegue executar com bastante facilidade os diferentes elementos;
		Aluna esforçada e empenhada embora com bastantes dificuldades em todos os gestos técnicos da modalidade;
		Aluno com bastante aptidão para a modalidade; melhorou nos níveis de empenho e interesse, embora o comportamento ainda não seja o ideal;
		Aluno com bastante aptidão para a modalidade; melhorou nos níveis de empenho e interesse, embora o comportamento ainda não seja o ideal;
		Aluno bastante empenhado e interessado, apresenta dificuldades na maioria dos gestos técnicos;

Anexo VII - Exemplo de grelha de avaliação da condição física (Bateria de testes do fitnessgram)

Nº	Nome	Precisa Melhorar	Zona Saudável	Ótimo	Estatura (m)	Peso (Kg)	IMC (%)	Vaivém (Percurso)	Abdominais (Repetições)	Força Superior (Repetições)	Extensão Tronco (cm)	Flexibilidade Ombros		Sit & Reach (cm)
												Direita	Esquerda	
					1.68	57.4	20,34	45	12	13	30	Sim	Sim	-2
					1.50	41.4	18,40	43	33	13	30	Sim	Sim	7
					1.55	53.2	22,14	16	19	10	30	Sim	Não	2
					1.59	62.3	24,64	22	22	3	30	Sim	Sim	4
					1.59	62.1	24,56	18	38	3	30	Sim	Sim	-6
					1.71	63.3	21,65	35	57	1	30	Sim	Sim	0
					1.59	47.2	18,67	46	40	6	30	Sim	Sim	-3
					1.68	56.2	19,91	68	75	20	30	Sim	Sim	-1
					1.54	41	17,29	54	33	10	30	Sim	Sim	7
					Não realizou aula									
					----	----	----	38	45	20	30	Sim	Não	9
					1.55	69.6	28,97	18	18	4	30	Sim	Sim	10
					1.70	60.1	20,80	64	38	42	30	Sim	Sim	2
					1.57	47.8	19,39	44	40	50	30	Sim	Sim	8
					1.68	62.3	21,56	97	51	31	30	Sim	Não	3
					1.55	44.9	18,69	76	75	25	30	Sim	Sim	9
					1.54	51.5	21,72	40	25	13	30	Sim	Sim	7
					1.61	61.9	23,88	52	50	30	30	Sim	Sim	13
					1.68	53.1	18,81	28	8	1	30	Sim	Sim	-8
					Não realizou aula									
					1.55	45.9	19,11	62	75	20	30	Sim	Sim	4
					1.59	57.6	22,78	24	7	2	30	Sim	Sim	-9
					Não realizou aula									
					1.63	47.7	17,95	43	75	35	30	Sim	Sim	-6
					1.58	44.7	17,91	38	15	15	30	Sim	Sim	2

Anexo IX – Certificado de participação no FICEF



Anexo X- Grelha de registo de comportamentos

Registo de aula observada – Comportamentos de indisciplina**Pré-teste****Turma 8ºC****Professor: Bruno Oliveira**

Observador:		Data:	
Função didática:		Espaço:	
Aula nº:		Unidade Didática:	
Nº alunos:		Nº Alunos dispensados:	
Nº Episódios			
Tipo de Comportamento		Alunos (s)	
Observações			
<input type="checkbox"/>	1	<input type="checkbox"/> Desvio	<input type="checkbox"/> Fora da Tarefa
<input type="checkbox"/>	2	<input type="checkbox"/> Desvio	<input type="checkbox"/> Fora da Tarefa
<input type="checkbox"/>	3	<input type="checkbox"/> Desvio	<input type="checkbox"/> Fora da Tarefa
<input type="checkbox"/>	4	<input type="checkbox"/> Desvio	<input type="checkbox"/> Fora da Tarefa
<input type="checkbox"/>	5	<input type="checkbox"/> Desvio	<input type="checkbox"/> Fora da Tarefa
<input type="checkbox"/>	6	<input type="checkbox"/> Desvio	<input type="checkbox"/> Fora da Tarefa
<input type="checkbox"/>	7	<input type="checkbox"/> Desvio	<input type="checkbox"/> Fora da Tarefa
<input type="checkbox"/>	8	<input type="checkbox"/> Desvio	<input type="checkbox"/> Fora da Tarefa
<input type="checkbox"/>	9	<input type="checkbox"/> Desvio	<input type="checkbox"/> Fora da Tarefa
<input type="checkbox"/>	10	<input type="checkbox"/> Desvio	<input type="checkbox"/> Fora da Tarefa
<input type="checkbox"/>	11	<input type="checkbox"/> Desvio	<input type="checkbox"/> Fora da Tarefa
<input type="checkbox"/>	12	<input type="checkbox"/> Desvio	<input type="checkbox"/> Fora da Tarefa
<input type="checkbox"/>	13	<input type="checkbox"/> Desvio	<input type="checkbox"/> Fora da Tarefa
<input type="checkbox"/>	14	<input type="checkbox"/> Desvio	<input type="checkbox"/> Fora da Tarefa
<input type="checkbox"/>	15	<input type="checkbox"/> Desvio	<input type="checkbox"/> Fora da Tarefa
<input type="checkbox"/>	16	<input type="checkbox"/> Desvio	<input type="checkbox"/> Fora da Tarefa
<input type="checkbox"/>	17	<input type="checkbox"/> Desvio	<input type="checkbox"/> Fora da Tarefa
<input type="checkbox"/>	18	<input type="checkbox"/> Desvio	<input type="checkbox"/> Fora da Tarefa
<input type="checkbox"/>	19	<input type="checkbox"/> Desvio	<input type="checkbox"/> Fora da Tarefa
<input type="checkbox"/>	20	<input type="checkbox"/> Desvio	<input type="checkbox"/> Fora da Tarefa
<input type="checkbox"/>	21	<input type="checkbox"/> Desvio	<input type="checkbox"/> Fora da Tarefa
<input type="checkbox"/>	22	<input type="checkbox"/> Desvio	<input type="checkbox"/> Fora da Tarefa
<input type="checkbox"/>	23	<input type="checkbox"/> Desvio	<input type="checkbox"/> Fora da Tarefa
<input type="checkbox"/>	24	<input type="checkbox"/> Desvio	<input type="checkbox"/> Fora da Tarefa
<input type="checkbox"/>	25	<input type="checkbox"/> Desvio	<input type="checkbox"/> Fora da Tarefa
<input type="checkbox"/>	26	<input type="checkbox"/> Desvio	<input type="checkbox"/> Fora da Tarefa

Anexo XI – Questionário de satisfação dos alunos

Questionário

Este questionário é realizado no âmbito de um estudo realizado pelo professor Bruno Oliveira, para a Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, da Universidade de Coimbra. Pretende-se avaliar o nível de satisfação dos alunos da turma em relação às aulas de Educação Física. É anónimo e é de carácter opcional, pelo que se entenderes não necessitas de preencher, basta entregares em branco ao teu professor.

É bastante rápido e fácil de responder pelo que gostaria da colaboração de todos os alunos da turma!

Coloca um “X” no quadrado correspondente

Sentes-te motivado nas aulas de Educação Física?	Sim <input type="checkbox"/>	Não <input type="checkbox"/>
Achas que o clima de aula no geral é apropriado?	Sim <input type="checkbox"/>	Não <input type="checkbox"/>
Sentes que o teu professor te motiva?	Sim <input type="checkbox"/>	Não <input type="checkbox"/>
Gostas de praticar mais que uma modalidade por aula?	Sim <input type="checkbox"/>	Não <input type="checkbox"/>
Gostas dos estilos de exercícios praticados nas aulas?	Sim <input type="checkbox"/>	Não <input type="checkbox"/>

Obrigado pela participação!